****

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de Pedagogia e Educação

Orientador: Professor Doutor Paulo Jaime Lampreia Costa

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por **Sónia Fialho Cardador** para a especialidade do grau de mestre em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário

Outubro de 2010

**ÍNDICE**

Resumo/Abstract\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 5

Introdução\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág.5

O Agrupamento e o seu meio envolvente \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 6

**A – Preparação científica, pedagógica e didáctica**

1. *Conhecimento do currículo*
2. Orientações curriculares seguidas relativas às finalidades e aos objectivos do currículo, bem como aos conteúdos, metodologias e avaliação.\_\_\_\_\_\_\_ pág.7
3. Lugar aos diversos conteúdos no currículo e conexões estabelecidas entre os principais temas e tópicos dos programas. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 15
4. Mobilização realizada de situações exteriores à disciplina ou área de conteúdo

e de temas de outras áreas disciplinares que se relacionam directamente com

os temas do currículo.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág.18

1. *Conhecimento do conteúdo*
2. Opções tomadas relativamente a conceitos e a métodos inerentes às

características da disciplina ou área de conteúdo.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 21

1. Conexões estabelecidas e reformulações de ideias e de factos operados.\_ pág. 21
2. Significado atribuído ao conhecimento escolar, ao seu sentido e ao seu

 papel na sociedade e na formação do indivíduo.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 25

1. *Conhecimento dos alunos*
2. Processos de aprendizagem dos alunos, bem como os seus principais

interesses, capacidades e necessidades, tendo em conta as diferenças

individuais ou associadas a níveis etários ou a origem social diferente\_\_ pág. 27

1. Erros e dificuldades mais comuns dos alunos na área de conhecimentos

da disciplina ou área de conteúdo. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 28

**B – Planificação e condução de aulas e avaliação de aprendizagens**

1. *Perspectiva educativa e métodos de ensino*
2. Perspectiva educativa adoptada para garantir a articulação da visão do

papel do aluno na aprendizagem com a especificidade própria do saber da respectiva disciplina ou área de conteúdo e a valorização do desenvolvimento

de atitudes positivas nos alunos face à aprendizagem.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 30

1. Estratégias de ensino utilizadas, nomeadamente as que visaram envolver

os alunos em actividades abertas, tendo em conta os objectivos e as competências a alcançar, a idade, as capacidades e as necessidades dos

alunos.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 30

1. *Preparação das aulas*
2. Orientações curriculares seguidas e cuidado imprimido nos planos de aula,

tendo em conta aulas anteriores e posteriores, os objectivos, os conhecimentos prévios e as necessidades dos alunos.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 31

1. Concepção, adaptação e selecção de tarefas levadas a cabo para o ensino

e para a aprendizagem, face ao currículo, para os progresso dos alunos.\_pág. 33

1. Materiais e recursos utilizados.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 37
2. Formas de trabalho operado, incluindo os momentos de trabalho com

toda a turma, em pares, em pequenos grupos e em actividades

individuais.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 37

1. Previsão da gestão do tempo efectiva.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 38
2. *Condução das aulas*
3. Ambiente de trabalho criado na sala de aula.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 38
4. Regras de funcionamento e de rotinas de trabalho seguidas.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 38
5. Condições físicas das salas, gestão do espaço e gestão do tempo

asseguradas.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 39

1. Relação/Comunicação Pedagógica estabelecida.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág.38
2. Desenvolvimento e domínio da língua e da comunicação conseguidos.\_ pág. 40
3. Tipo de participação conseguida dos alunos na realização das

tarefas propostas.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 40

1. Tipo de integração das participações/contribuições dos alunos atingida\_ pág. 40
2. Reformulações ocorridas, em aula, do plano previsto.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 41
3. *Avaliação das aprendizagens dos alunos*
4. Estratégias, instrumentos de avaliação e meios de registo do progresso

dos alunos utilizados.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 42

1. Tipo de participação dos alunos na avaliação do seu desenvolvimento\_\_ pág. 43

**C – Análise da prática de ensino**

1. Avaliação das aulas em termos de tarefas propostas e da actividade

desenvolvida, da interacção e do discurso, dos resultados na

aprendizagem dos alunos ao nível dos conhecimentos, capacidades,

atitudes e concepções\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 43

1. Avaliação da prática lectiva realizada, tendo em conta as necessidades e

As alternativas que visaram a consolidação e a melhoria do trabalho.\_\_\_ pág. 44

**D – Participação na escola**

1. Modo de abordagem do agrupamento de escolas/escola como instituição com a função que tem na comunidade.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág.44
2. Modo de encarar o papel e a importância dos diferentes órgãos do agrupamento de escolas/escola.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 45
3. Responsabilidades assumidas e iniciativas tomadas nos diferentes órgãos do agrupamento de escolas/escola.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 45
4. Colaboração na preparação e realização de actividades extra-lectivas como dinamizadoras da vida do agrupamento de escolas/escola e do desenvolvimento dos alunos na aprendizagem.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 46

**E – Desenvolvimento profissional**

1. Responsabilidades assumidas como professor, profissional autónomo e

empenhado.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 46

1. Iniciativas tomadas com vista à actualização do seu conhecimento

profissional.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 46

1. Trabalho em grupo levado a efeito para discussão, com outros

professores sobre questões profissionais para procurar e aceitar

 ajuda e para cooperar.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 47

1. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada efectivada, tendo

em linha de conta os problemas encontrados e a sua respectiva

resolução.\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág. 47

Conclusão\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág.49

Bibliografia\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pág.50

Anexos\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_pág.51

**RESUMO –** Actualmente, o ensino das línguas estrangeiras apresenta desafios cada vez maiores aos professores. Em particular, o ensino de ELE, por se tratar do ensino de uma língua tão próxima da Língua Portuguesa, leva a que o professor se preocupe em utilizar estratégias e metodologias centradas nos alunos e que conduzam este às suas aprendizagens. Com base em toda a documentação e legislação actual, é feita uma reflexão sobre a experiência de um ano de leccionação de ELE, resultados obtidos e mudanças a operacionalizar futuramente.

**ABSTRACT –** At present, teaching foreign languages represents an increasing challenge to the teachers. Teaching ELE (Spanish as a foreign language) can be a particularly defying process, because of its proximity to Portuguese language, leading the teacher to adopt strategies and methodologies, focused in the students, aiming for a more effective and significant learning process. Based on all official documents regulating the teaching of ELE and other relevant legislation, we present a reflective view on the experience of a year of teaching ELE, our main achievements and future operational changes.

**INTRODUÇÃO**

 No relatório que a seguir se apresenta, dividido em várias componentes, será feita uma exposição dos conhecimentos teóricos considerados fundamentais para o exercício da prática docente. Será feita, numa primeira abordagem, uma reflexão sobre os documentos (Programa Curricular de Espanhol - Programa e Organização Curricular; Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais; Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro e Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro) basilares na planificação, operacionalização e avaliação dos anos lectivos do 3º Ciclo do Ensino Básico. Seguidamente, far-se-á uma reflexão sobre as práticas pedagógicas, metodologias e resultados obtidos e suas consequências no trabalho do professor por forma a melhorar o seu desempenho como docente. A última parte do trabalho incidirá numa reflexão sobre os resultados e as melhorias que as experiências do ano lectivo em questão trouxeram e o impacto futuro que as mesmas terão na prática docente.

**O Agrupamento e o seu meio envolvente**

 A escola onde leccionei no ano lectivo anterior, Escola Básica Conde Vilalva, insere-se no Agrupamento de Escolas nº 4 de Évora. É a escola – sede do Agrupamento e encontra-se situada num bairro periférico da cidade de Évora, o Bairro das Pites, a cerca de 1,5 km do centro da cidade. Fazem também parte deste Agrupamento Escolas Básicas e Jardins de Infância de freguesias urbanas e rurais tais como Canaviais ou Azaruja. Como tal, a diversidade é uma realidade neste Agrupamento. É uma escola com dezanove salas de aula para o ensino regular e quinze salas para o ensino específico de disciplinas tais como Educação Visual ou Ciências Naturais. Tem um pavilhão gimnodesportivo, sala de informática, salas de apoio aos Departamentos ou à Direcção de Turma. Existem computadores destinados ao apoio de professores, alunos, gestão e administração da escola. Possui também uma Biblioteca escolar que está inserida na Rede de Bibliotecas Escolares e no Projecto aLerMais. Neste momento, a escola – sede conta com cerca de 600 alunos repartidos entre o 2º e o 3º Ciclo do Ensino Básico.

**A – Preparação científica, pedagógica e didáctica**

1. *Conhecimento do currículo*
2. Orientações curriculares seguidas, relativamente às finalidades e aos objectivos do currículo, bem como aos conteúdos, metodologias e avaliação.

Tendo como base o Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro que aprovou a reorganização curricular do Ensino Básico, grau de ensino em que se insere este relatório e também o Programa de Espanhol (Programa e Organização Curricular para o Ensino Básico – 3º Ciclo que tem como referencial a Lei de Bases do Sistema Educativo e o Decreto-Lei nº 286/89), será apresentada uma reflexão sobre o currículo, a sua articulação com as Competências Essenciais, os objectivos e conteúdos do Programa, bem como as metodologias a adoptar e a respectiva avaliação que também se encontra consagrada no Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro.

A educação é um direito de todos os cidadãos que garante uma educação de base para todos, bem como uma formação que cada vez se quer mais contínua ao longo de toda a vida. No que diz respeito à Educação Básica, constituída por três ciclos, existe uma articulação curricular entre os mesmo que assegura, como tal, uma maior qualidade das aprendizagens efectivas dos alunos.

 Uma vez que este relatório incide sobre o ensino das línguas estrangeiras, é de salientar que também no Decreto-Lei nº 6/2001 está contemplado o *“aprofundamento da aprendizagem das línguas modernas*”, sinónimo da importância que as mesmas assumem hoje em dia no currículo e, mais tarde, no mundo do trabalho e na sociedade em geral.

 De uma forma geral, o Decreto-Lei nº 6/2001 engloba as normas pelas quais se devem reger todos os agentes que intervêm no processo de ensino aprendizagem e no processo educativo, nomeadamente, professores e técnicos, no que diz respeito à organização, gestão, desenvolvimento e avaliação do Currículo Nacional do Ensino Básico.

 Assim, o Currículo Nacional do Ensino Básico engloba as aprendizagens, competências, conhecimentos, capacidades, atitudes e valores a desenvolver e a atingir pelos alunos ao longo de todo o Ensino Básico, de acordo com os princípios consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo.

 Do Currículo Nacional do Ensino Básico fazem parte as Competências Essenciais, as quais têm também por base orientadora a Lei de Bases do Sistema Educativo. Estas Competências Essenciais englobam não só competências a nível académico e intelectual, mas também competências do saber ser, do saber fazer, do saber estar e do saber viver com os outros em sociedade, competências essas essenciais *“à qualidade da vida pessoal e social de todos os cidadãos”* Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais* (CNEB – CE), p. 15.

 À saída do Ensino Básico, o aluno deverá, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico atingir as seguintes competências:

1. *Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender e abordar situações e problemas do quotidiano;*
2. *Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;*
3. *Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar adequadamente e para estruturar pensamento próprio;*
4. *Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;*
5. *Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;*
6. *Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;*
7. *Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;*
8. *Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;*
9. *Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;*
10. *Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.* (CNEB – CE, p.15).

Estas são competências gerais precisamente porque são transversais a todas as áreas do saber e em todas elas devem ser estimuladas e desenvolvidas. Cabe a cada uma das áreas curriculares e respectivos docentes a operacionalização e concretização das mesmas, por forma a que se garanta um desenvolvimento completo pelos alunos das competências em questão. Todas as competências essenciais devem ser desenvolvidas com base em metodologias (pesquisa, selecção e organização de informação, interacção, recurso às tecnologias da informação e comunicação, cooperação, mobilização de saberes já adquiridos, desenvolver projectos, entre outras).

No entanto, para além das Competências Essenciais, transversais a todas as disciplinas, para cada disciplina em particular, foram também desenvolvidas competências específicas. Isto é, cada disciplina tem também um conjunto de competências específicas e direccionadas aos objectivos de cada umas das disciplinas que compõem o Currículo Nacional do Ensino Básico. O documento orientador das Competências (Essenciais e Específicas) tem como objectivo fazer a ponte entre os programas das disciplinas e os processos de ensino-aprendizagem operados em sala de aula. No caso das línguas estrangeiras, disciplina - alvo deste relatório, no caso o Espanhol, as Competências Específicas visam “*a construção de uma competência global em línguas estrangeiras”*. (CNEB – CE, p.39). Na elaboração do programa das línguas estrangeiras e também na definição das Competências Específicas a adquirir, a base destes documentos foi o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.* Como tal, a aprendizagem de línguas estrangeiras contempla competências não só linguísticas como também culturais conforme é apresentado no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*: *“Designar-se-á por competência plurilingue e pluricultural a competência para comunicar pela linguagem e para interagir culturalmente de um actor social que possui, em graus diversos, o domínio de várias línguas e a experiência de várias culturas. A opção essencial é considerar que não se trata de sobreposição ou justaposição de competências distintas, mas antes da existência de uma competência complexa, isto é, compósita, mas una enquanto reportório disponível.”* (CNEB – CE, p.25). Também nas competências específicas, tal como acontece nas competências gerais, são tidos em conta aspectos cognitivos, mas também aspectos sociais e afectivos.

Para se tornar competente numa ou em várias línguas estrangeiras, o aluno deve possuir conhecimentos a nível linguístico e a nível cultural da língua estrangeira que lhe permitam comunicar, utilizando tanto a oralidade como a escrita. O aluno deve também possuir a capacidade de reflectir sobre uso e funcionamento da língua estrangeira.

Dentro da competência fundamental que é a competência da comunicação, os alunos devem desenvolver diferentes competências: ouvir/ler e ler no domínio da compreensão; ouvir/falar e ler/escrever no domínio da interacção; falar/produzir e escrever/produzir no domínio da produção. Todas estas competências são fundamentais, imprescindíveis e indissociáveis da aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que é fundamental que o aluno escute para compreender, ouça, fale e escreva para interagir e produza oralmente ou por escrito para comunicar. Estes são os três pilares fundamentais no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. É de igual modo importante que o professor promova, dinamize e utilize estratégias em que os alunos contactem com documentos autênticos, com falantes nativos e que os alunos tenham a oportunidade de colocar em prática as suas aprendizagens em situações o mais próximo possível de uma situação real de comunicação.

Quando analisamos e reflectimos sobre o Programa de Espanhol para o Ensino Básico - 3º Ciclo, verificamos que este vai de encontro, como seria de esperar, aos objectivos e os fundamentos do Currículo Nacional do Ensino Básico e das Competências Essenciais e Específicas para as línguas estrangeiras. É um programa que encerra em si não apenas a aquisição da competência comunicativa nas suas diferentes vertentes, mas que engloba também o desenvolvimento de competências sociais e culturais, todas elas entrelaçadas e relacionadas entre si. O Programa de Espanhol promove também, através da aprendizagem de uma língua e de uma cultura diferente, o respeito e a tolerância relativamente à forma de viver e de pensar de outras culturas. Em todo este processo de ensino-aprendizagem, o aluno é o centro de tudo, onde *“ a competência comunicativa surge como uma macrocompetência, que integra um conjunto de cinco competências – linguística, discursiva, estratégica sociocultural e sociolinguística – que interagem entre si.”* (Programa de Espanhol – Programa e Organização Curricular Ensino Básico – 3º Ciclo (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.5)). O programa de Espanhol apresenta-se como um documento orientador da prática pedagógica e educativa que mostra abertura à adaptação do mesmo às especificidades dos alunos e ao contexto em que decorre o processo de ensino - aprendizagem.

O Programa de Espanhol apresenta como objectivos gerais:

* *Adquirir as competências básicas de comunicação na língua espanhola:*
* *Compreender textos orais e escritos, de natureza diversificada e de acessibilidade adequada ao seu desenvolvimento linguístico, psicológico e social;*
* *Produzir, oralmente e por escrito, enunciados de complexidade adequada ao seu desenvolvimento linguístico, psicológico e social;*
* *Utilizar estratégias que permitam responder às suas necessidades de comunicação, no caso em que os seus conhecimentos linguísticos e/ou seu uso da língua sejam deficientes;*
* *Valorizar a língua espanhola em relação às demais línguas faladas no mundo e apreciar as vantagens que proporciona o seu conhecimento;*
* *Conhecer a diversidade linguística de Espanha e valorizar a sua riqueza idiomática e cultural;*
* *Aprofundar o conhecimento da sua própria realidade sociocultural através do confronto com aspectos da cultura e da civilização dos povos de expressão espanhola;*
* *Desenvolver a capacidade de iniciativa, o poder de decisão, o sentido da responsabilidade e da autonomia;*
* *Progredir na construção da sua identidade pessoal e social, desenvolvendo o espírito crítico, a confiança em si próprio e nos outros e atitudes de sociabilidade, de tolerância e de cooperação.* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.9).

Desta forma, este Programa visa promover o contacto com línguas e culturas estrangeiras, através do domínio da comunicação. Assim sendo, no âmbito da promoção não só do domínio comunicativo/linguístico, os conteúdos seleccionados para serem abordados ao longo dos três anos do 3º Ciclo do Ensino Básico estabeleceram-se para cada um dos domínios que a seguir se apresentam:

*- Compreensão oral;*

*- Expressão oral;*

*- Compreensão escrita;*

*- Expressão escrita;*

*- Reflexão sobre a língua e a sua aprendizagem;*

* *- Aspectos socioculturais.* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.11).

Todos os conteúdos (conceitos, procedimentos e atitudes) foram definidos de acordo com todos os domínios anteriormente referidos, uma vez que a aquisição de conhecimentos numa língua estrangeira não acontece por fases, mas sim como um todo, onde se aprofundarão progressivamente conteúdos ao longo dos três anos do 3º Ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito às metodologias, o Programa de Espanhol também apresenta algumas reflexões que devem ser consideradas pelo docente na planificação das suas actividades lectivas. Estas devem ser sempre centradas no aluno tendo em conta as recomendações do programa e as necessidades dos respectivos alunos. É de igual forma importante que as metodologias sejam adaptadas aos diferentes tipos de “público”, ou seja, às diferentes turmas com que o professor diariamente trabalha, adaptando metodologias às diferentes realidades com que se depara. O professor deve utilizar metodologias activas de trabalho, centradas no aluno para que este se torne no agente da sua própria aprendizagem. Como tal, uma vez que a aprendizagem de uma língua estrangeira decorre de um processo complexo, o professor deve privilegiar sempre estratégias que contemplem aplicação de conteúdos em situação de comunicação oral ou escrita. Deve existir uma correlação entre todos os domínios da comunicação anteriormente mencionados e diversidade de conteúdos (conceitos, procedimentos e atitudes), tendo sempre em conta as competências específicas delimitadas para o ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. O professor deve planificar actividades e utilizar metodologias que levem a situações comunicativas que conduzam os alunos a comunicar na língua estrangeira o mais próximo possível da realidade. Como a maior parte destas situações comunicativas acontece em sala de aula, o professor deve ter em conta a planificação de simulações de comunicação (dramatizações, *“juego de papeles”*, simulações, entre outras). No entanto, sempre que possível, o professor deve tentar desenvolver actividades em que os alunos tenham a possibilidade de contactar directamente com falantes nativos em situação real, recorrendo por isso, por exemplo, a intercâmbios ou visitas de estudo. O que é realmente importante salientar é que o professor deve promover actividades em que o alunos, dentro ou fora da sala de aula, mantenha um contacto o mais intenso e o mais próximo possível com a língua estrangeira que aprende. Esta interacção revela-se fundamental para que o aluno, progressivamente, se torne competente numa língua estrangeira. No caso da oralidade, não devemos, no entanto, esquecer que o professor, antes que o aluno chegue ele próprio à expressão, deve conduzir o aluno num processo que passa pela exposição, . recepção e compreensão da língua estrangeira e, consequentemente, à comunicação em si. De qualquer forma, o professor deve ter presente que deve desenvolver a sua actividade com base em metodologias centradas não só na oralidade, mas também ao nível da escrita e da leitura. O professor é aquele que cria as condições necessárias às aprendizagens através da escolha mais adequada e adaptada às necessidades e especificidades dos alunos. O professor é o elemento que potencia o contacto do aluno com a língua estrangeira, através de uma selecção adaptada ao nível em que está a leccionar. É igualmente o elemento que selecciona e que planifica as actividades lectivas, tendo sempre presente que o elemento fundamental do processo de ensino -aprendizagem é o aluno e que o seu objectivo é torná-lo competente e fluente na língua estrangeira.

* No que concerne à avaliação da progressão do aluno, esta tem como objectivo, segundo o Programa de Espanhol *“ «estimular o sucesso educativo de todos os alunos, favorecer a confiança própria e contemplar os vários ritmos de desenvolvimento e progressão» e de «garantir o controlo da qualidade de ensino».* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.32).

 Assim sendo, a avaliação permite a recolha de informação e a formulação ou reformulação de metodologias adaptadas às necessidades constantes dos alunos. A avaliação, segundo o Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de Janeiro, *“incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas de cada ciclo, expressas no projecto curricular de escola e no projecto curricular de turma, por ano de escolaridade.”*. A avaliação é, em última instância, o processo que certifica as aprendizagens e aquisições feitas pelos alunos ao longo de todo o ciclo de estudos. Neste processo de avaliação estão envolvidos os professores e também os alunos, que têm igualmente um papel fundamental na reflexão das suas aprendizagens e na sua auto e heteroavaliação. A avaliação compreende várias modalidades, ou seja, a avaliação diagnóstica, utilizada para verificar conhecimentos e dificuldades dos alunos; a avaliação formativa que envolve não só a classificação e a formação académica, mas também o indivíduo no seu todo social, no que diz respeito ao domínio das atitudes e valores e, por fim, a avaliação sumativa, esta sim, a que respeita à classificação final académica. No entanto, apesar de a avaliação estar repartida em diferentes dimensões, vista como um todo é uma orientação para o aluno no seu futuro de escolhas e decisões. Quando avalia, o professor deve analisar os resultados da avaliação a par das metodologias que utiliza, no sentido de reflectir sobre os produtos que resultam das aprendizagens, adaptando-as às necessidades dos alunos. O que é fundamental é que o professor veja no processo de avaliação um processo contínuo, ao longo do período, do ano e até do ciclo. O professor não deve ver a avaliação apenas centrada nos momentos sumativos, pois como avaliação formativa que é acima de tudo, deve ser um processo contínuo que deve centrar em si todos os domínios que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. De qualquer forma, centrando-nos na competência comunicativa, a avaliação deve incidir sobre todos os seus domínios. Alguns dos critérios a serem valorizados na avaliação das competências são os seguintes e que constam do Programa de Espanhol:

* *Inteligibilidade: que a produção do aluno seja entendível;*
* *Pertinência: que a mensagem emitida seja adequada à situação de comunicação em que a mesma se insere;*
* *Progressão: dentro da correcção, na utilização da língua;*
* *Correcção linguística: adequada ao nível em que se encontra o aluno;*
* *Fluidez: na capacidade do aluno para elaborar e emitir mensagens, igualmente adequado ao nível do aluno.* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.34).

No entanto, a avaliação fruto de uma observação directa do aluno em sala de aula deve ser igualmente, e segundo o mesmo documento, contemplar também:

* *O interesse e empenhamento demonstrados pelo aluno na realização do trabalho;*
* *O modo como organiza autonomamente o seu trabalho, designadamente através da utilização adequada das estratégias de aprendizagem e de estudo;*
* *As atitudes de iniciativa, inovação e criatividade que demonstra;*
* *O desenvolvimento da capacidade crítica, nomeadamente face ao material que lhe é apresentado e à situação de aprendizagem;*
* *O modo como coopera com os colegas e se insere no grupo de trabalho;*
* *A forma como participa na resolução de problemas e tomadas de decisões.* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.34).

Para além da observação directa, todos os produtos e actividades de aprendizagem tais como trabalho individuais ou em grupo, visitas de estudo, intercâmbios, exposições, entre outros, devem também ser considerados na avaliação do aluno como parte do seu processo de aprendizagem. No que diz respeito à avaliação de actividades relacionadas com competências comunicativas como a oralidade ou a escrita, o professor pode utilizar variadíssimos instrumentos. Aqui, a título de exemplo, apresentamos alguns tais como testes de dinamização fonética, de reconhecimento de estruturas prosódicas, questionários, reconstituição de textos, resumos, leitura, entrevista, debate, *“juego de papeles”,* relato de acontecimentos e vivências, reacções espontâneas a situações de aula. Todos estes e outros instrumentos de avaliação são sugestões feitas no Programa de Espanhol o que não invalida que o professor, recorrendo à sua criatividade e experiência e também ao potencial da turma, não possa desenvolver outros tipos de actividades que vão de encontro aos objectivos da disciplina e possam ser como elementos de avaliação.

1. Lugar dado aos diversos conteúdos no currículo e conexões estabelecidas entre os principais tópicos do programa.

De acordo com o Decreto-Lei nº 6/2001 que aprova a reorganização curricular do Ensino Básico, no Capítulo II deste documento que diz respeito à *“Organização e gestão do Currículo Nacional”*, lê-se no artigo *7º “3 – A aprendizagem de uma segunda língua estrangeira é obrigatória no 3º Ciclo.”*. Também no documento Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, se lê: *“No 3º Ciclo, aprendente continua a Língua Estrangeira I e inicia uma segunda língua”* (CNEB – CE, p.41). O Ensino Básico este, neste momento, organizado de forma a que, no 2º Ciclo, os alunos iniciem uma língua estrangeira e no 3º Ciclo, dando continuidade à língua já iniciada no 2º Ciclo, escolham uma segunda língua estrangeira. As opções que, regra geral, as escolas dão aos alunos no 2º Ciclo passam pelo Inglês ou pelo Francês, com algumas escolas a apostarem já no ensino da língua espanhola no 5º ano de escolaridade. No entanto, esta última situação é um projecto que se encontra ainda num estado muito embrionário. Quanto ao 3º Ciclo, as opções mantêm-se entre o Inglês, O Francês e o Espanhol. Por norma, os alunos iniciam o Inglês no 2º Ciclo e continuam o seu estudo como primeira língua estrangeira no 3º Ciclo. Chegados ao 3º Ciclo, observa-se cada vez mais um maior interesse dos alunos pelo estudo do Espanhol. De tal forma que, ao longo dos últimos anos, o número de alunos inscritos no Espanhol aumentou exponencialmente. Em apenas cinco anos, o número de alunos que opta pelo estudo do Espanhol quintuplicou, sobretudo no 3º Ciclo. No entanto, esta adesão ao estudo do Espanhol também se verifica no Ensino Secundário. Associados a esta situação estão vários factores fundamentais presentes no mundo actual que explicam o interesse e a utilidade cada vez maior dos alunos pela língua espanhola. Apesar de muitos alegarem a suposta facilidade, devido à proximidade com a Língua Portuguesa, do Espanhol em detrimento de outras línguas, a verdade é que o Espanhol é cada vez mais uma opção para os alunos portugueses devido às oportunidades que oferece na hora de os alunos se candidatarem ao Ensino Superior e também devido às portas que abre no que diz respeito ao mercado de trabalho ibérico e mundial. Muitos alunos ambicionam no futuro estudar em Espanha e o facto de dominarem o Espanhol apresenta-se como uma vantagem aquando da decisão sobre o seu futuro. Por outro lado, o domínio da língua espanhola é valorizado em Portugal, uma vez que no nosso país operam muitas empresas espanholas com as quais é necessário comunicar. Por outro lado, também muitos jovens ambicionam conseguir um emprego do lado de lá da fronteira. O que é facto é que Portugal segue uma tendência que vai de encontro aos números do Espanhol enquanto língua no mundo. Segundo alguns estudos, a língua espanhola é a quarta mais falada no mundo. No entanto, outras estatísticas colocam-na em segundo lugar. O que importa realmente referir é que conta já com cerca de 400 milhões de falantes em todo o mundo, número que tende a continuar a crescer.

Do outro lado da fronteira, o fenómeno é recíproco relativamente à Língua Portuguesa. Sobretudo em áreas fronteiriças verifica-se cada vez um maior interesse em estudar a nossa língua materna, seja pela questão da proximidade, seja pela questão utilitária. Cada vez mais a Península Ibérica funciona em uníssono, onde os dois países vêem oportunidades de emprego e de vida no país vizinho. No entanto, também noutras zonas de Espanha se começa a observar um interesse crescente pelo estudo e conhecimento da Língua Portuguesa.

Todos os elementos anteriormente referidos contribuíram para o aumento do interesse do estudo do Espanhol em Portugal. Como tal, e como o estudo desta língua cresceu muito num curto espaço de tempo, rapidamente o Currículo, as Competências, as metodologias, as estratégias e sobretudo o Programa tiveram de se adaptar a esta nova realidade. No Programa de Espanhol verificamos que *“não podemos ignorar que a progressão na aprendizagem não se processa de um modo linear, mas sim global, e que o processo consiste em ir completando, flexibilizando e enriquecendo esta apreensão global do novo sistema linguístico; assim, qualquer conceito gramatical ou nócio-funcional estudado no 7º ano, por exemplo, deverá ser retomado e ampliado nos anos seguintes.”* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.11).Partindo deste princípio, e tal como acontece no estudo de uma qualquer língua estrangeira, a progressão do seu estudo é um todo que actua e incide simultaneamente nas quatro competências a par do conhecimento explícito da língua. A partir da experiência que já possuo na leccionação dos três anos do 3º Ciclo na disciplina de Espanhol, parece-me que em termos de distribuição de conteúdos, esta não está feita da melhor forma no Programa de Espanhol. Parece-me que existe uma distribuição assimétrica dos conteúdos pelos três anos. O 7º ano é o ano de iniciação da língua, em que os alunos, nas primeiras aulas, tomam contacto com conteúdos socioculturais e geográficos relativos ao estudo da língua e da cultura espanhola. É também o ano, como é natural, em que os alunos tomam conhecimentos do sistema fonético e gráfico da língua espanhola. Desta forma, no 7º ano, dedica-se uma quantidade significativa de aulas à introdução de aspectos culturais, geográficos e linguísticos essenciais ao trabalho futuro na disciplina, sendo estes aspectos basilares no sucesso dos alunos. Verifico, no entanto, que para além destes aspectos fundamentais, o Programa de Espanhol contempla muitos outros conteúdos que, na maior parte das vezes, não são abordados ou desenvolvidos por falta de tempo. A questão aqui não se prende com uma má gestão e má organização do tempo e da planificação do trabalho a longo, médio e curto prazo, mas sim com a distribuição equitativa dos conteúdos pelos vários anos que compõem o 3º Ciclo do Ensino Básico. É claro que, trabalhando com o Programa tal como ele está disposto, os conteúdos leccionados no 7º ano serão reforçados e aprofundados ao longo do 8º e 9º ano, pois também a competência do aluno na língua e as suas capacidades comunicativas evoluíram. No entanto, o que por vezes acontece é que se não se der continuidade pedagógica a uma turma de 7ºano e mesmo deixando o registo dessa informação ao colega que continuará a trabalhar com a turma, muitas vezes há conteúdos fundamentais que podem não ser abordados, provocando lacunas graves ao nível dos conhecimentos dos alunos. Quando tenho oportunidade de dar continuidade pedagógica às minhas turmas e quando não abordo alguns conteúdos, no ano seguinte, de acordo com os conteúdos a leccionar nesse mesmo ano, encaixo os conteúdos não leccionados e desenvolvo-os progressivamente. No caso ainda de receber turmas de outros colegas, procuro obter informação sobre eventuais conteúdos a desenvolver ou eventuais lacunas a serem trabalhadas e que não ficaram bem consolidadas.

De qualquer forma, a minha perspectiva, tendo sempre em conta as questões anteriormente referidas, é a de que o Programa de Espanhol deveria ser reformulado, procedendo-se a uma repartição dos conteúdos de forma mais equitativa pelos três anos, de forma a não concentrar excesso de conteúdos no 7º ano e evitar repetições desnecessárias no 8º e 9º ano que podem levar à desmotivação por parte dos alunos. Muitas vezes, os alunos fazem essa referência, a de que estão constantemente a fazer revisão dos mesmos conteúdos. É evidente que os conceitos, quer estejam relacionados com o conhecimento explícito, quer estejam relacionados com aspectos nócio -funcionais têm de ser retomados e aprofundados em níveis superiores, mas fazendo-se de uma forma menos repetitiva e mais repartida.

1. Mobilização realizada de situações exteriores à disciplina ou área de conteúdo e de temas de outras áreas disciplinares que se relacionam directamente com os temas do currículo.

Considerando que a aprendizagem de uma língua estrangeira é *“um meio de desenvolvimento pessoal, de integração social, de aquisição cultural e de comunicação”* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.5), o professor deve fazer um esforço no sentido de promover actividades de comunicação real, onde os alunos possam colocar em prática as suas capacidades comunicativas e os conhecimentos já adquiridos na língua estrangeira. Ainda que, dentro da sala de aula, o professor também deva desenvolver simulações de comunicação, estas serão sempre diferentes de uma situação real, pois são situações controladas e simuladas. Sendo assim, e como o próprio Programa de Espanhol contempla *“É, portanto, importante propiciar actividades de comunicação real relacionadas com intercâmbios entre alunos ou escolas de países estrangeiros. Estes intercâmbios poderão assumir a forma epistolar e/ou recorrer aos suportes audiovisuais, podendo culminar numa visita de estudo.”* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.30).Aqui estão duas excelentes oportunidades de actividades que se podem dinamizar para que os nossos alunos possam interagir linguística, comunicativa e culturalmente com a língua estrangeira em estudo. Actividades como um intercâmbio ou uma visita de estudo são acontecimentos que exigem planificação, coordenação e interacção também com outras disciplinas. São actividades exteriores à sala de aula que se podem desenvolver a par com disciplinas como História ou Educação Moral Religiosa e Católica, por exemplo. Frequentemente estas parcerias acontecem, pois quando abordamos aspectos históricos, que também aparecem ligados à religião, da língua espanhola, a história dos dois países confunde-se e é possível trabalhar e organizar uma visita de estudo, por exemplo, em interdisciplinaridade com a disciplina de História. Ao fazermos a visita a esse local, os nossos alunos trabalham conhecimentos e competências relacionados com questões linguístico-comunicativas e culturais.

No entanto, no ano lectivo 2009/2010 tive a possibilidade de desenvolver dois projectos: um intercâmbio e uma visita de estudo. Ambos tiveram, *grosso modo*, os mesmos objectivos, ou seja, promover a utilização e desenvolvimento de competências comunicativas e culturais por parte dos alunos.

Relativamente ao intercâmbio, este resultou de uma selecção feita pela Direcção Regional de Educação do Alentejo, da qual a escola onde lecciono, a Escola Básica 2, 3 Conde Vilalva, foi seleccionada. O projecto foi desenvolvido no âmbito da Cooperação Transfronteiriça entre a Direcção Regional de Educação do Alentejo, a Consejería de Educación de Extremadura e o Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças, de forma a promover o conhecimento recíproco, a valorização das diferenças (culturais, religiosas, étnicas…) e dos respectivos patrimónios artístico-culturais e linguísticos. Este intercâmbio consistiu na deslocação de várias turmas a Espanha no período compreendido entre 12 de Abril e 7 de Maio de 2010. Entre 12 e 16 de Abril, deslocaram-se à Escola Básica 2, 3 Conde Vilalva os alunos do Instituto Maestro Domingo Cáceres de Badajoz. No período entre 3 a 7 de Maio, os alunos portugueses visitaram os colegas espanhóis. Nas duas visitas, os alunos ficaram alojados nas casas das respectivas famílias dos alunos intervenientes. De salientar que a experiência foi recíproca, pois os alunos espanhóis são estudantes de português e também eles trocaram experiências a nível linguístico e cultural. **Este intercâmbio teve como objectivos** aproximar as relações de cooperação entre o Alentejo e a Estremadura; proporcionar aos alunos o contacto a nível linguístico e cultural do país de acolhimento numa experiência recíproca; desenvolver a competência comunicativa dos alunos, através de um contacto linguístico em ambiente familiar. Estiveram envolvidos neste projecto alunos do 7º ano de escolaridade, pertencentes às turmas C, D e E; e das turmas C, D e E do 8º ano de escolaridade, perfazendo um total de 20 alunos. No projecto participaram, para além das professoras de Espanhol, eu e a minha colega, elementos da Direcção da Escola, professoras de Ciências Físico-Químicas, Ciências Naturais, Ensino Especial, Língua Portuguesa, Educação Física, História, Educação Moral Religiosa e Católica e Educação Tecnológica. Todos os docentes destas áreas estiveram envolvidos no projecto através da dinamização de actividades nas quais os alunos participaram ao longo da semana de intercâmbio em Portugal. Estiveram ainda envolvidos todos os Directores de Turma das turmas intervenientes e os Encarregados de Educação dos alunos.

Do ponto de vista linguístico - cultural, foi uma experiência muito enriquecedora para os alunos portugueses. Ao poderem estar uma semana em casa de uma família espanhola, estes contactaram directamente com a cultura e com o modo de vida do povo espanhol. Por outro lado, tanto para alunos de 8º ano, que já possuem algumas destrezas e competências linguísticas, como para alunos de 7º ano – iniciação, a nível linguístico, este contacto directo com a língua foi muito enriquecedor, uma vez que colocaram em prática os conhecimentos já adquiridos, reforçaram o gosto pelo estudo da língua espanhola e adquiriram novas competências proporcionadas pelo contacto directo com falantes nativos da língua. Considero que esta actividade foi um verdadeiro intercâmbio a nível cultural e linguístico, pois as trocas foram paralelas, uma vez que, também nós portugueses, passámos a nossa cultura e a nossa língua, fomentando o gosto e o interesse pelo estudo da nossa língua além fronteiras. Foi ainda igualmente enriquecedor, pois fomentaram-se laços de amizade que ficaram tanto entre alunos como entre professores que participaram neste intercâmbio. Considero, como tal, uma experiência muito enriquecedora para todos os participantes, alunos, professores e Encarregados de Educação, pois foi mobilizada toda a comunidade educativa para uma actividade que partiu da escola, mas que ultrapassou muros e fronteiras. Acima de tudo, proporcionou aos alunos uma experiência de contacto linguístico e cultural com Espanha inigualável e determinante, tanto nos seus resultados académicos, como no se futuro.

Para além deste Intercâmbio, realizou-se também uma visita de estudo a Sevilha com alunos de 8º e 9º ano. Também aqui, apesar de a visita se ter realizado apenas durante um fim-de-semana, o objectivo foi o contacto com a língua e cultura espanhola, onde, sobretudo os alunos de 9º ano, com maiores competências colocaram em prática os seus conhecimentos.

A experiência do Intercâmbio foi inédita para mim. No entanto, o grande sucesso da actividade e os excelentes resultados que observe nos meus alunos levam-me a querer integrar e desenvolver projectos semelhantes por serem tão positivos a nível de experiência e tão enriquecedores para os alunos. Quanto à visita de estudo, desde que lecciono a disciplina de Espanhol, mesmo noutros estabelecimentos de ensino pelos quais já passei, participei e desenvolvi sempre projectos semelhantes por considerar que as visitas de estudo são óptimas actividades que propiciam situações e comunicação real e contacto com a cultura espanhola.

1. *Conhecimento do conteúdo*
2. Opções tomadas relativamente a conceitos e a métodos inerentes às características da disciplina ou áreas de conteúdo
3. Conexões estabelecidas e reformulações de ideias e factos operados

O estudo do Espanhol, na sua maioria, é iniciado no 7º ano de escolaridade, sendo assim, a Língua Estrangeira II. Quando analisamos o documento Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, verificamos que *“torna-se necessário adoptar estratégias específicas considerando o nível etário dos aprendentes e a sua experiência anterior na aprendizagem da primeira língua estrangeira.”* (CNEB – CE, p.41). Quando analisamos o Programa de Espanhol observam-se também referências no que diz respeito às metodologias e estratégias a aplicar de acordo com o tipo de alunos com que se trabalha. Assim *“caberá a cada professor, de acordo com as propostas do programa e, tendo em conta as necessidades dos alunos, os recursos disponíveis e a sua própria personalidade, adaptar as metodologias adequadas aos diferentes públicos.”* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.29).

O ensino de uma língua estrangeira tem especificidades que não são comuns ao ensino da língua materna ou ao de qualquer outra disciplina. Ainda que por vezes a língua materna tenha pontos de contacto, o ensino da língua estrangeira requer metodologias e estratégias próprias. O professor deve promover *“metodologias activas, centradas no aluno, no sentido de o transformar no construtor da sua própria aprendizagem.”* (PE – POCEB – 3º Ciclo, p.29). Segundo a perspectiva defendida pelo Professor Doutro António Ricardo Mira e pela Professora Doutora Maria Isabel Mira na obra *Programação dos ensinos de línguas estrangeiras* e com a qual estou em inteira consonância, o ensino de uma língua estrangeira deve reger-se pela aquisição de hábitos linguísticos correctos através de treino intenso e em diferentes situações. Cada aquisição que o aluno faz deve ter como base uma experiência linguística vivida por ele. Só desta forma o aluno se torna consciente da aquisição que fez. Todas as actividades didácticas propostas pelo professor devem estar adaptadas à estrutura e estádio de desenvolvimento do aluno. Ou seja, o professor, na planificação das suas actividades deve ter em conta o ano de escolaridade, a faixa etária, o nível de conhecimentos dos alunos e especificidades próprias de cada turma. Nenhuma metodologia que se utilize não deve ser adaptada como definitiva. No processo de ensino-aprendizagem existem muitas variantes que condicionam a utilização de determinada estratégia em detrimento de outra. O mesmo acontece com o nível de conhecimentos dos alunos. No início do 7º ano, na iniciação da língua, não podemos promover actividades que levem o aluno a expressar-se exclusivamente, a nível oral e escrito, em língua espanhola, uma vez que o mesmo ainda não possui as estruturas linguísticas necessárias para o fazer. O mesmo acontece quando o professor tem várias turmas pertencentes ao mesmo ano de escolaridade. O professor não pode pensar e planificar determinado conteúdo e aplicá-lo de igual forma às diferentes turmas. Isto porque cada turma possui características específicas, onde, por vezes, determinada estratégia pode não resultar. É importante adaptar as metodologias e as estratégias para ensinar determinado conteúdo às diferentes turmas. No ano lectivo transacto tinha três turmas do 9º ano de escolaridade. A turma A tinha dezanove alunos, a turma B tinha cinco alunos e a turma D tinha onze alunos. Quando abordei a temática das profissões e do mundo do trabalho, pensei abordá-la e avaliá-la posteriormente com uma actividade oral. Após termos explorado a temática através da exploração de cartas de apresentação e de candidatura a anúncios de emprego, de anúncios de emprego e da elaboração de Curriculum Vitae em espanhol, dei aos alunos das turmas A, B e D anúncios de emprego aos quais eles teriam de responder por escrito. Posteriormente, organizados em pares, sendo um aluno o entrevistado e o outro o entrevistador, tinham de dramatizar uma entrevista de emprego. A estratégia resultou muito bem nas turmas A e D, mais numerosas, pois quando os alunos em dramatização estavam a apresentar o seu trabalho, os outros estavam a tomar notas e comentavam, criando-se assim uma dinâmica reflexiva em torno da actividade. No caso da turma B, com apenas cinco alunos, essa dinâmica não se criou e, apesar de a parte oral ter resultado bem para os alunos e os objectivos terem sido atingidos nesse aspecto, não resultou em termos de interacção como eu esperava e como resultou nas outras turmas.

Outro exemplo da necessidade de adaptar metodologias e estratégias às turmas é o caso do 7º ano. Quando abordo a temática das características físicas e psicológicas, proponho aos alunos jogar ao *“Quem é quem?”*, actividade à qual os alunos aderem sempre de forma entusiástica. No entanto, só o faço em turmas mais numerosas e com um comportamento adequado. Em turmas pequenas, o jogo não é possível pelas razões evidentes e se são turmas mais agitadas, a actividade não se revela a mais apropriada, pois, por norma, desestabiliza os alunos, desconcentrando-os para o resto da aula. Nestes casos, é preferível optar por fazer uma actividade de escrita ou de leitura, deixando as actividades de oralidade para conteúdos mais apropriados ao perfil da turma.

Assim sendo, recorrendo aos estudos e a investigação em didáctica das línguas estrangeiras e, tendo mais uma vez como base a obra *Programação dos ensinos de línguas estrangeiras*, do cruzamento entre teorias de aprendizagem e métodos de ensino, nascem teorias de ensino-aprendizagem, todas elas aplicáveis, mas nem todas elas as mais indicadas para os resultados que queremos que os nossos alunos alcancem.

Quando falamos no método tradicional, ainda utilizado por alguns profissionais docentes, mas desactualizado e desadequado ao que se pretende hoje como um aluno competente numa língua estrangeira, é um método que assenta fundamentalmente no ensino da gramática e na tradução. Existe uma preocupação excessiva com a escrita em detrimento da oralidade, tão ou mais importante. A aprendizagem é baseada na análise e descrição da língua e a tradução leva a que o discurso do aluno seja formal e pouco natural, levando a uma atitude passiva perante a língua. Neste método, o professor tem o papel principal e dominante e o aluno tem um papel passivo, onde apenas decora as regras.

No método directo, apesar de se privilegiar a oralidade, esta apenas se utiliza em contexto de sala de aula e em detrimento da escrita. Também aqui o professor é o centro da aula; o aluno continua a ter apenas um papel de observador.

Os dois métodos anteriormente referidos parecem esquecer que a língua tem uma componente oral e uma componente escrita e que as duas são fundamentais e completam-se; na aprendizagem da mesma, complementada sempre pelo conhecimento explícito da língua. No ensino de uma língua estrangeira é fundamental dar a conhecer a língua mas também fomentar o seu uso. Em determinadas aulas trabalham-se mais umas competências que outras, mas nunca devem estar dissociadas e devem ser trabalhadas num todo. Por outro lado, nos dois métodos já referidos, o papel e a postura do professor não é a mais adequada. O papel principal deve ser dado ao aluno, é ele o centro da aprendizagem e deve ser ele, com a ajuda do professor, o construtor da sua aprendizagem. O professor é um mero agente que mostra o caminho e que conduz o aluno à aprendizagem e aos seus resultados.

Existem ainda outros métodos como o áudio - oral ou o áudio - visual, em que se dá demasiada importância à repetição e à pronúncia ou ao conhecimento formal, respectivamente, métodos em que o aluno se limita a repetir sem que perceba o que está a dizer ou a fazer. Aqui apenas se adquire competência linguística e não comunicativa, como se pretende. O aluno continua a ter um papel passivo, apenas de observador.

No entanto, apesar de não existirem materiais ideais ou um método universal ou perfeito, o método nocional - funcional apresentado na obra anteriormente referida, parece ser aquele que melhor responde às exigências do ensino - aprendizagem de uma língua estrangeira na actualidade. Embora não sendo perfeito, pois as adaptações devem ser feitas tendo em conta as especificidades de cada grupo, parece ser o método que apresenta a abordagem mais adequada ao ensino de uma língua estrangeira. O objectivo deste método é desenvolver a competência comunicativa dos alunos, dando atenção *“ à gramática, à semântica, à situação e à psicologia humanista.”* Mira e Mira, 2002, p.48. Este método proporciona actividades realistas com *“um uso real da língua em situações socioculturais, nas quais a fonologia, o léxico, a gramática e a cultura são seleccionadas e graduadas.”* Mira e Mira, 2002, pp. 49-50. Este método é *“- é auto-motivador porque é especificamente concebido para servir as necessidades sociais, culturais e vocacionais autênticas dos alunos, do modo como eles as apercebem; - consciencializa o facto de que cada ser humano tem um ritmo de aprendizagem próprio, bem como modos e estratégias diferentes de aprender. A organização, em especial, dos materiais, as formas linguísticas alternativas, do mais simples ao mais complexo, permitem aos alunos com capacidades diferenciadas e com níveis de aprendizagem diferentes, expressar todas as funções comunicativas da linguagem, de acordo com a sua personalidade, as suas necessidades sócias ou vocacionais imediatas e as suas capacidades linguísticas ou intelectuais; - reconhece a necessidade de se desenvolverem técnicas e estratégias de ensino que ponham o significado (“meaning”) em destaque.”* Mira e Mira, 2002, p.51. É então um método que privilegia e desenvolve em simultâneo todas as competências da língua, tendo sempre em conta as especificidades dos alunos e dos grupos - turma, através de actividades que dão primazia ao desenvolvimento da competência comunicativa. Aqui, o professor, postura com a qual estou completamente de acordo, é apenas alguém que conduz o aluno no seu processo de aprendizagem. O aluno é o centro deste processo.

Acima de tudo, as metodologias a utilizar devem ser sempre centradas no aluno e devem contribuir para *“ a estruturação e apropriação de regras e usos sociolinguísticos”* Mira e Mira, 2002, p.60. O Professor Doutor Ricardo Mira, na sua obra, refere “*Adapte. Não Adopte”* Mira e Mira, 2002, p.61. Tendo sempre presentes os pressupostos anteriormente referidos, um bom professor deve ser capaz de adaptar as suas metodologias às situações com as quais se depare em sala de aula., tendo sempre em conta as especificidades de cada grupo, utilizando sempre a sua criatividade como elemento motivador do estudo da língua estrangeira.

1. Significado atribuído ao conhecimento escolar, ao seu sentido e ao seu papel na sociedade e na formação do indivíduo.

Na obra *“Teoria da Educação”* do Professor Doutor Manuel Patrício consta uma citação *“Contrariamente ao professor que educa, o educador forma.”* Patrício, 1992, p.92*,* retirada da obra *“Connaissance de soi”*. Escolhi esta citação para abordar este tópico pois creio ser fundamental reflectir sobre os dois papéis referidos, o de professor e o de educador, onde se tocam e se devem coexistir dentro do mesmo profissional da educação. O professor é alguém que tem como profissão transmitir conhecimentos aos alunos. O conceito de professor é então mais restrito e limitado. Quando falamos no papel do educador, este si, conceito mais lato, é alguém que educa, que leva o aluno a trabalhar não só competências académicas, objectivo do professor, mas também competências sócio - afectivas. O educador auxilia e conduz o aluno nesta caminhada de desenvolvimento a nível pessoal e social.

Feita a distinção entre professor e educador, parece-me que é essencial que o profissional da educação hoje em dia saiba ser as duas coisas. Um professor não é apenas um mero transmissor de saberes académicos. É evidente que é uma parte fundamental da sua função profissional, mas o professor, no seu sentido geral, deve ser mais do que isso. A escola, actualmente, é um espaço onde as crianças passam grande parte do seu tempo e a maior parte desse tempo é passada dentro da sala de aula com o professor. A turma funciona como uma “*micro – sociedade”* onde existem diferentes realidades, mas também regras e convenções, onde os alunos têm de saber estar em sociedade. É aqui que entra o papel de educador dentro do papel do professor. É o professor o potencial transmissor das regras de comportamento, de saber estar e saber fazer e de socialização com os outros indivíduos. A turma, vista como uma “*micro -sociedade”*, parece ser insignificante. No entanto, a forma como os alunos são conduzidos nas vivências da sua “*micro – sociedade”* é fundamental para o que os espera no futuro. O papel do professor é também fundamental no que diz respeito à valorização de uma boa educação e de uma boa escolarização no futuro dos seus alunos. O professor, actualmente, não se pode limitar a ser um mero agente de transmissão de conhecimentos académicos. Deve funcionar como um agente da acção educativa que faz crescer nos seus alunos as capacidades de que já são portadores.

Apesar de pensar que todos os professores devem ter presentes as questões anteriormente abordadas, existe uma função, a de Director de Turma, onde creio que estes aspectos são fundamentais. No ano lectivo anterior fui Directora de Turma de uma turma de 9º ano. Na escola onde lecciono, a Formação Cívica é também atribuída ao Director de Turma. Parece-me que esta é uma boa opção, pois encontrei nesta área não curricular o espaço ideal para desenvolver as competências não só desta área, mas também o espaço em que, sendo uma turma de 9º ano, discuti sempre com os alunos aspectos relacionados com a importância dos conhecimentos escolares e a sua importância no futuro. As competências da Formação Cívica, de uma forma geral, vão de encontro à reflexão do exercício de cidadania; regras de convivência e respeito mútuo; desenvolvimento de valores; promoção de situações de diálogo e de expressão de opiniões e de tomada de decisões.

Para além de todos os professores deverem também ser educadores, o Director de Turma, pela sua relação privilegiada de proximidade com a turma, deve ser simultaneamente professor e educador, no sentido de, através também das competências que se pretende ver atingidas na Formação Cívica, ser o elemento que junto dos alunos os faz reflectir sobre a importância do conhecimento escolar e das regras de convivência em sociedade e da sua importância no futuro dos seus alunos. Não devemos, no entanto, esquecer, neste âmbito, o papel fundamental que também os Encarregados de Educação têm. Por vezes, também o professor tem de os sensibilizar para a importância da escola e da educação no futuro dos seus filhos. Uma coisa é certa, sem a colaboração das duas entidades, professores e Encarregados de Educação, não se conseguirá a sensibilização dos alunos para a importância da escola. Apenas com o trabalho conjunto das duas entidades conseguiremos formar gerações formadas e informadas.

1. *Conhecimento dos alunos*
2. Processos de aprendizagem dos alunos, bem como os seus principais interesses, capacidades e necessidades, tendo em conta as diferenças individuais ou associadas a níveis etários ou a origem social diferentes.

O professor, como já anteriormente referi, é um agente da aprendizagem, pois é o elemento que faz a mediação entre os conhecimentos que o aluno já possui e os conhecimentos que se pretende que o mesmo adquira. Existem vários processos de aprendizagem como por exemplo, a aprendizagem por condicionamento associada às teorias comportamentalistas/behavioristas de Skiner, onde o aluno aprende experimentando, repetindo ou memorizando. Existe também a aprendizagem por intuição/descoberta, associada às teorias cognitivistas de Piaget, Bruner ou Chomsky, onde o aluno aprende com a situação ou o problema colocado, descobrindo, estruturando e contextualizando a informação, aprendendo a aprender.

São diversos os factores que estão envolvidos num ambiente de ensino -aprendizagem, É importante que todos eles sejam tidos em conta e é também importante relembrar que todos eles são factores que diferem de turma para turma. A aprendizagem desencadeia-se a partir da motivação. Esta é fundamental e é o ponto de partida para que a aprendizagem seja eficaz e atinja os seus objectivos. No caso das línguas estrangeiras, sobretudo em níveis de continuação, os conhecimentos que o aluno adquiriu anteriormente servem de base às novas aprendizagens e funcionam como elemento facilitador e também motivador se a experiência anterior foi positiva. Outro factor fundamental para o sucesso da aprendizagem é a diversidade de actividades. No caso do ensino das línguas estrangeiras existe um sem fim de conteúdos onde se podem diversificar tarefas, de forma a que o aluno fique mais motivado e mais concentrado. É importante diversificar actividades que podem ir desde uma dramatização, até um exercício de escrita colectiva ou à audição de uma música como ponto de partida para a actividade que os levará ao conteúdo a aprender.

O que importa reter é que, ao planificar as actividades lectivas, o professor tem sempre que definir objectivos e seleccionar estratégias de acordo com os processos de aprendizagem dos alunos, as suas capacidades e necessidades. O professor deve também ter sempre em atenção a faixa etária dos seus alunos, bem como diferenças culturais, sociais ou até religiosas, de forma a ser abrangente e envolver de igual forma todos os elementos da turma. Este processo deve ser tido em conta turma a turma. Ou seja, o professor se tem, por exemplo, cinco turmas de 7º ano, não deve planificar as actividades de igual forma para todas, pois cada turma é uma realidade diferente com condicionantes e especificidades que têm que ser sempre tidas em conta na planificação do professor.

1. Erros e dificuldades mais comuns dos alunos na área de conhecimento da disciplina ou área de conteúdo

No início do ano lectivo, em turmas de continuação, peço sempre aos alunos que resolvam um pequeno teste diagnóstico que serve para detectar eventuais lacunas ou dificuldades dos alunos. Este teste é uma ferramenta de trabalho bastante útil sobretudo se começamos a trabalhar com turmas com quem não trabalhámos no ano lectivo anterior ou se estamos a leccionar numa escola diferente.

Consoante o nível, os alunos manifestam diferentes dificuldades. Muitas delas mantêm-se ao longo dos três níveis leccionados no Ensino Básico.

Ao nível da fonética, as dificuldades manifestadas prendem-se, sobretudo no ano de iniciação, com diferenças ao nível de alguns sons diferentes dos da língua portuguesa, nomeadamente o *“jota”* e o *“R”* que têm pontos de articulação diferentes. Outra dificuldade ao nível da fonética é a ausência das grafias portuguesas *“lh”* e *“nh”*. Em espanhol existe *“ñ”* e *“ll”*. Este último som é um pouco diferente daquele que se realiza com o *“lh”* português. Na maior parte dos alunos, estes equívocos desvanecem-se e no final do 7º ano já têm uma pronúncia aproximada daquilo que se pretende.

Ao nível da semântica, as principais dificuldades existem ao nível dos *“falsos amigos”*. Por considerarem a língua espanhola muito semelhante à língua portuguesa, muitos alunos caem no erro de traduzir directamente os *“falsos amigos”*, o que resulta em frases sem sentido. É um aspecto a ser trabalhado desde a iniciação na língua e que se deve manter ao longo dos diferentes níveis. No entanto, é também um dos aspectos de que os alunos mais gostam de trabalhar, pois descobrem que os *“falsos amigos”* podem induzir em grandes erros. Consideram, no entanto, que é uma matéria divertida, pois aqui verificam as grandes diferenças entre as duas línguas.

Ao nível do conhecimento explícito da língua, a principal dificuldade que encontro nos alunos e que se mantém na maior parte dos alunos ao longo do estudo da língua, é a dificuldade em relação aos três Pretéritos do Indicativo que existem em espanhol, ao contrário dos dois que existem em português. Para auxiliar os alunos no esclarecimento desta questão, utilizo sempre os marcadores temporais que estão associados a um ou a outro tempo, como por exemplo *“la semana pasada”* ou *“el mês pasado* são expressões que se associam ao Pretérito Indefinido, pois é uma acção passada e terminada que ocorreu num tempo mais afastado do Presente. Ao utilizar expressões como *“esta mañana”* ou *“este mês”,* o Pretérito a ser utilizado será o Pretérito Perfecto, pois indica uma acção passada e terminada, mas mais próxima do Presente. Outro aspecto do conhecimento explícito da língua que se torna difícil para os alunos é a construção e utilização muito frequente do Imperativo na língua espanhola. Os alunos, por ser uma construção com regras diferentes das da língua portuguesa, como por exemplo a colocação dos pronomes junto a este tempo verbal, revelam dificuldades na construção do Imperativo afirmativo e negativo e a colocação do pronome de complemento directo e de complemento indirecto.

A nível cultural, os alunos, sobretudo os alunos de nível de iniciação, revelam muita dificuldade em distinguir e utilizar o tratamento formal (*“usted/ustedes”*) e o tratamento informal (*“tú/vosotros”*), pois para os alunos o *“vosotros”* é associado ao *“você”* do tratamento mais formal português. Por outro lado, culturalmente os espanhóis *“tutean”* na maior parte das situações. Ou seja, em grande parte das situações do dia-a-dia os espanhóis *“tratam-se por tu”*. Culturalmente, os portugueses são mais formais e isto não acontece. Por isso, no início, alguns alunos não compreendem o porquê desta situação. Por fim, alguns alunos também têm dificuldades em compreender a diferença entre os regimes políticos português e espanhol, não reconhecendo o rei como uma figura política e a organização administrativo - geográfica por comunidades autónomas e províncias também é um elemento causador de alguma confusão para muitos alunos.

**B – Planificação e condução de aulas e avaliação de aprendizagens**

1. *Perspectiva educativa e métodos de ensino*
2. Perspectiva educativa adoptada para garantir a articulação da visão do papel do aluno na aprendizagem com a especificidade própria do saber da respectiva disciplina ou área de conteúdo e a valorização do desenvolvimento de atitudes positivas nos alunos face à aprendizagem.
3. Estratégias de ensino utilizadas, nomeadamente as que visaram envolver os alunos em actividades abertas, tendo em conta os objectivos e as competências a alcançar, a idade, as capacidades e as necessidades dos alunos.

De acordo com tudo o que já anteriormente foi referido, o professor tem de adoptar uma perspectiva pedagógico - didáctica que contemple sempre os conteúdos do programa em articulação com as necessidades e interesses dos alunos. Desta forma, é fundamental que o aluno seja o centro da aprendizagem, onde o professor tem de procurar adaptar metodologias e estratégias adequadas aos diferentes tipos de turmas e de alunos. É de suma importância que em todas as disciplinas e, sobretudo nas línguas estrangeiras, o professor adopte metodologias activas, onde o aluno, para além de ser o actor principal, é também o elemento que trabalha e desenvolve a sua aprendizagem. Como tal, o professor deve definir os objectivos, as metodologias e as estratégias a implementar ao aluno da forma mais clara possível para que o aluno, gradualmente, se torne mais autónomo nas suas aprendizagens. Em consequência, o aluno sente-se envolvido e responsável no seu processo de ensino - aprendizagem, o que representa uma motivação para trabalhar. É também fundamental que associado a tudo isto, o professor reforce positivamente as atitudes e os resultados dos alunos, o que resulta em estímulos positivos e motivadores para o aluno e para o seu sucesso nas aprendizagens. Agindo desta forma, envolvendo directamente os alunos em todo o processo de planificação e estabelecimento de objectivos, o professor, conhecendo melhor os seus alunos, pode adequar a sua planificação a cada turma em concreto, em função das capacidades, interesses e necessidades dos alunos. Desta forma, evita-se a estandardização das metodologias nas diferentes turmas, pois todas são diferentes e têm uma dinâmica de funcionamento própria.

As estratégias a considerar para serem aplicadas em sala de aula, para além de abertas, devem ser práticas e diversas, envolvendo atitudes, interesses, conhecimentos e competências adquiridos previamente, entre outras. São vários os factores de aprendizagem que pesam na escolha dessas estratégias. Se a estratégia for motivadora para o aluno, a aprendizagem torna-se mais interessante e mais clara. Como tal, as estratégias devem ter sempre em conta temas de interesse para os alunos. Outro dos factores fundamentais é os conhecimentos adquiridos anteriormente. No caso de turmas de nível de continuação, se o ano anterior foi um ano bem sucedido a nível de aquisição de conhecimentos, os alunos terão os pré-requisitos necessários para progredirem na aprendizagem da língua e ficarão também mais motivados. Quanto mais diversificadas forem as estratégias na abordagem a um determinado tema, maior é a motivação e a concentração e melhores serão os resultados da aprendizagem. No caso das línguas estrangeiras, são várias as competências a desenvolver, nomeadamente, a escrita, a oralidade e a competência comunicativa, onde o professor pode diversificar estratégias para trabalhar estas diferentes competências.

De entre os processos de aprendizagem que existem actualmente, aquele que privilegio e com o qual trabalho é o processo de aprendizagem por descoberta. É um processo de aprendizagem que tem como base as teorias cognitivistas de Piaget, Bruner ou Chomsky. O método nócio - funcional referido na obra do Professor Doutro António Ricardo Mira tem também como base a teoria generativa – transformacional de Chomsky. Privilegio este método de aprendizagem porque os alunos aprendem com a situação/problema que lhes é colocado. Vão, progressivamente, descobrindo, associando, transferindo e estruturando a informação que lhes é fornecida, de forma a analisá-la. Esta informação depois de contextualizada, leva os alunos num processo onde vão aprendendo a aprender. É um método em que o aluno é o centro da aprendizagem. O professor está lá para guiar essa aprendizagem. No entanto, no final, é o aluno que chega às conclusões que são posteriormente sistematizadas com a ajuda do professor. Este método é fundamental para o ensino das línguas, uma vez que desenvolve a competência comunicativa e não competências individualmente, levando á fluência e ao domínio da língua por parte do aluno, de acordo com o nível em que se encontra.

1. *Preparação das aulas*
2. Orientações curriculares seguidas e cuidado imprimido nos planos de aula, tendo em conta aulas anteriores e posteriores, os objectivos, os conhecimentos prévios e as necessidades dos alunos.

No início do ano lectivo, a primeira coisa que fizemos foi a consulta dos documentos orientadores, ou seja, as orientações curriculares que constam no documento do Currículo Nacional do Ensino Básico (Competências Essenciais) e o documento programático (Programa de Espanhol – Programa e Organização Curricular para o 3º Ciclo do Ensino Básico). Estes são os documentos considerados como essências na planificação da actividade docente. Tendo como base os documentos acima referidos, foi elaborada uma planificação anual das actividades a desenvolver. Como se pode constatar no anexo 1 – Planificação anual de Espanhol 7º ano e anexo 2 – Planificação anual de Espanhol 9º ano, as planificações contemplam as competências a desenvolver pelos alunos, os conteúdos e os objectivos que se pretendem atingir com cada uma das unidades didácticas. Estas planificações apresentam ainda o número de aulas destinadas a cada uma das unidades didácticas. No anexo 3 – Planificação trimestral do 1º período – 7º ano; anexo 4 – Planificação trimestral do 2º período – 7º ano; anexo 5 – Planificação trimestral do 3º período – 7º ano; anexo 6 – Planificação trimestral do 1º período – 9º ano; anexo 7 – Planificação trimestral do 2º período – 9º ano e anexo 8 – Planificação anual do 3º período – 9º ano, referentes às planificações trimestrais dos dois anos em análise, constam as unidades didácticas a leccionar em cada trimestre, bem como os conteúdos a leccionar, as competências a desenvolver, os objectivos, o número de aulas previstas e, sendo que as planificações trimestrais são mais detalhadas do que as anuais, constam também as actividades e estratégias a aplicar, os materiais e recursos didácticos e as modalidades de avaliação.

Estas planificações são elaboradas com base nos documentos anteriormente referidos e visam o desenvolvimento de todas as competências. Em todas as unidades didácticas há o cuidado de desenvolver actividades e tarefas cujo objectivo é desenvolver a competência comunicativa dos alunos, abarcando transversalmente a oralidade, a escrita e o conhecimento explícito da língua. As planificações são elaboradas tendo em conta, no caso do 7º ano, por ser um ano de iniciação à língua, os conhecimentos que os alunos vão progressivamente adquirindo. Ou seja, a planificação do trabalho a longo, a médio e a curto prazo (plano de aula diário), tem sempre em conta apenas os conhecimentos que os alunos já adquiriram. No caso do 9º ano, por ser um ano terminal do 3º Ciclo e por ser um ano em que os alunos já possuem mais conhecimentos, o trabalho é planificado de forma a associar novos conhecimentos com os já adquiridos, revendo sempre estes últimos.

As planificações (anual e trimestrais) não são elaboradas a partir ou tendo em conta o manual adoptada na escola, mas são articuladas com o mesmo. Por uma questão de organização e de coerência para os alunos, as unidades didácticas são planificadas de acordo com a ordem pela qual aparecem no manual. Sobretudo para alunos de 7º ano, muitas vezes pouco autónomos, é mais coerente seguir as unidades do manual. No entanto, este não é seguido à risca, pois tem actividades ou abordagens que consideramos, por vezes, desadequadas e desajustadas ao conteúdo e, por vezes, até confusas para os alunos.

Quando se planifica, sobretudo a curto prazo, ou seja, quando se planifica aula a aula, é fundamental a pesquisa. Como se referiu anteriormente, o manual não é nem deve ser a única fonte de informação a dar aos alunos. É importante pesquisar e encontrar outros materiais que sejam mais motivadores e explícitos para os alunos. Por vezes, através do recurso a materiais autênticos (livros, revistas, jornais, programas de rádio ou de televisão), a música, a pequenos vídeos disponíveis na Internet, consegue-se que os alunos fiquem logo motivados para a unidade que vamos leccionar, levando a que a atenção seja maior e os resultados finais sejam potencialmente melhores. O facto de conduzirmos os alunos às aprendizagens resulta, pois eles chegam às conclusões por eles próprios, através de um processo de descoberta que é mais motivador e surte melhores resultados.

1. Concepção, adaptação e selecção de tarefas levadas a cabo para o ensino e para a aprendizagem, face ao currículo, para o progresso dos alunos.

 Tendo como base todos os pressupostos anteriormente referidos no que diz respeito ao Programa de Espanhol, às competências que se pretende que os alunos atinjam para se tornarem competentes na língua estrangeira e às metodologias privilegiadas para o alcance de bons resultados, a planificação das aulas de Espanhol passa por várias fases. A partir das orientações curriculares e programáticas organizam-se as planificações mais gerais e de longo prazo, onde se encontra, em primeiro lugar, a distribuição das unidades temáticas a leccionar em cada um dos períodos e respectiva gestão do tempo para cada uma delas ao longo dos diferentes períodos. Também de uma forma mais genérica, na planificação anual, estão registados conteúdos lexicais e do conhecimentos explícito da língua, competências específicas da língua espanhola e também os objectivos que se pretende que os alunos alcancem com a leccionação da respectiva unidade temática. Esta é uma planificação que nos permite, de uma maneira mais geral, operacionalizar, visualizar e planificar a médio e a curto prazo todas as actividades lectivas ao longo do ano.

Como o trabalho parte de uma concepção mais lata (planificação anual – ver anexo 1 e anexo 2) para uma concepção cada vez mais pormenorizada, as planificações trimestrais (anexo 3 e anexo 6), pelo seu carácter mais específico, permitem-nos pormenorizar, para além dos conteúdos e das competências, as estratégias a utilizar, as actividades a realizar com os alunos, os materiais e os recursos utilizados para a dinamização e execução da aula e as modalidades de avaliação a aplicar aos alunos. Estas planificações dão-nos uma visão mais objectiva dos conteúdos a leccionar em cada um dos períodos, sendo uma ferramenta fundamental para a planificação diária das aulas.

A planificação a curto prazo, ou seja, o plano diário de aula (ver anexo 9 – plano de aula de 7º ano e anexo 10 – plano de aula de 9º ano) deve ser concebido tendo em conta a turma específica onde vai ser aplicado. Tal como foi anteriormente referido, o professor deve adaptar e não adoptar um mesmo plano de aula para todas as turmas em que lecciona o mesmo ano e o mesmo nível. É importante que, conhecendo o professor cada uma das suas turmas, imprima um cuidado especial na concepção da aula que vai leccionar. Há que ter em conta as características de cada grupo - turma na selecção das tarefas a realizar em sala de aula, pois o que resulta muito bem com uma turma pode não resultar com outra, ou ainda, o professor pode planificar uma aula pensando que os objectivos serão alcançados e isso não acontece. A actividade de motivação inicial é fundamental na motivação dos alunos para toda a aula. No entanto, se a actividade de motivação não for a mais adequada, os alunos dispersam e perdem o interesse. O que é facto é que os alunos ficam sempre predispostos e motivados se a actividade inicial os cativar e os interessar, sendo fundamental para o resto da aula no que diz respeito à atenção e ao alcance dos objectivos traçados para essa mesma aula pelo professor. Outro cuidado que o professor deve imprimir à sua planificação diária é a articulação entre os conteúdos e o conhecimento explícito da língua, bem como a articulação com os conteúdos anteriores e os posteriores. Ou seja, tomando como exemplo a planificação anual de 7º ano (anexo 1), a unidade didáctica 9 – a rotina, tem articulação com a unidade 10 – a casa e com a unidade 11 – descrição de sítio. Os alunos começam por falar das suas rotinas diárias, depois falam da sua casa, abordando também o tema das rotinas domésticas e, finalmente, descrevem o bairro ou a cidade onde vivem. As unidades articulam-se e os conhecimentos adquiridos na unidade anterior são necessários à abordagem da nova unidade. Aqui reside outro grande factor de motivação: os conhecimentos adquiridos anteriormente. Se estes ficarem bem assimilados, os alunos querem aplicá-los na prática, o que vai permitir a aquisição de novos conhecimentos e de novas competências. No caso do plano diário de aula, esta articulação também é importante e deve existir. Uma aula deve sempre deixar “o território preparado” para a aula seguinte e a sua sequência deve ser elaborada com base no que se abordou na aula anterior. Senão vejamos: no anexo 9 – plano de aula de 7º ano, verificamos o plano de aula para dois momentos lectivos diferentes, um de 90 minutos e outro de 45 minutos. Na primeira aula é feita uma abordagem ao léxico relacionado com as partes da casa e os tipos de casa. Em seguida, passa-se para um vídeo que se passa na rua (que acaba por estar relacionado com o léxico da habitação) onde são abordadas as preposições de lugar. Facilmente os alunos, a partir das divisões e do mobiliário conseguem localizar espacialmente, assimilando com alguma facilidade o que se pretendia. No final da aula, é pedido aos alunos que em casa façam a descrição da sua casa. Na aula seguinte, a correcção deste trabalho de casa permite continuar a trabalhar a unidade em questão e sintetizar uma vez mais as preposições de lugar. Em seguida, a actividade do livro, continuando a falar da casa, permite abordar as rotinas domésticas. Este encaixe das diferentes temáticas dentro do mesmo conteúdo permite aos alunos construírem “uma narrativa”, com uma sequência lógica que os motiva e os faz trabalhar de encontro aos objectivos traçados.

As duas aulas anteriormente referidas, aulas de uma turma de 7º ano, foram muito bem conseguidas graças, sobretudo à motivação inicial e à articulação de cada uma delas. A turma em questão gostava de materiais audiovisuais e, ao utilizar os vídeos constatei que o grau de envolvimento dos alunos foi substancialmente maior daquele que seria se tivesse utilizado apenas um cartaz ou o manual. O facto de os alunos descobrirem por eles próprios e de sintetizarem os conteúdos no final também foi extremamente motivante para eles pois sentiram que fizeram parte activa da sua própria aprendizagem. Esta planificação foi adequada à turma, uma vez que se tratava de um grupo pequeno. Como tal, como não havia elementos de distracção, os alunos envolveram-se e também progrediram mais rapidamente na sua aprendizagem. Parece-me que esta actividade poderá não resultar tão bem numa turma maior, uma vez que existem mais elementos, maior foco de distracção e de dispersão, o que poderá levar a resultados menos positivos do que os obtidos com esta turma.

Outro exemplo de uma aula em que os alunos se envolveram e reflectiram sobre o tema da aula, foi o caso de uma aula de 9º ano (ver anexo 10). Também aqui, e porque as características desta turma assim o exigiam, por serem um grupo interessado, motivado e dinâmico, utilizei, em conjunto com as imagens do manual (anexo d), três vídeos que retirei da Internet. São três vídeos semelhantes à imagens do manual, onde peço que, durante e após a visualização, os alunos façam uma “lluvia de ideas”, ou seja, uma recolha de sentimentos e emoções. Por se tratar de uma unidade relacionada com problemas sociais, o objectivo era colocar os alunos a reflectir para que depois o pudessem fazer por escrito. Os alunos ficaram muito sensíveis às questões e não mostraram problemas em falar sobre o que sentiam e em dar a sua opinião. Aqui, a motivação foi total e os alunos envolveram-se muito, pois os problemas sociais tais como a fome ou a discriminação social não lhes foram indiferentes. Esta aula também permitiu, pela sua articulação, activar a competência escrita e a competência oral, bem como associar um conteúdo de conhecimento explícito da língua. Os alunos trabalharam individualmente e em pares, o que permitiu também a troca de experiências e de opiniões.

No entanto, nem sempre as estratégias que escolhemos se revelam as melhores. É o caso de uma aula de 9º ano (ver anexo 11) de outra turma. A motivação inicial levou os alunos a ficarem motivados e interessados e corresponderam ao que foi solicitado. No entanto, a actividade seguinte, a projecção de imagens relacionadas com desportos e hábitos de saúde, porque se falava de doenças e cuidados de saúde e higiene, que tinha como objectivo fazer os alunos falarem das suas experiências, não resultou tal como esperado. Apesar de ser uma turma pequena só de rapazes que, à partida, têm contacto e praticam desporto, a actividade não resultou precisamente pelo reduzido número de alunos. Não se criou uma troca de experiências nem partilha de opiniões porque os alunos retraíram-se. Possivelmente, esta actividade resultará numa turma com maior número de elementos, onde os alunos consigam criar uma dinâmica de partilha de experiências e opiniões, pois aqui o objectivo era colocar a oralidade em prática e adquirir novo vocabulário, o que não foi conseguido com esta turma. Na aula seguinte, o plano de aula foi reformulado de acordo com o que não havia sido conseguido nesta aula e, como os alunos tinham algumas dificuldades, o tema foi explorado a partir de um texto que dei aos alunos, a partir do qual realizaram um exercício de expressão escrita.

Fundamentalmente, o que importa reter é que não há aulas perfeitas nem tão pouco aulas “adaptáveis” a qualquer turma. O professor, quando planifica deve ter em conta a turma, as suas características e especificamente, nunca esquecendo que o que não resulta num grupo poderá resultar noutro. Tudo depende também da imaginação e dinâmica do professor.

1. Materiais e recursos utilizados

Como se pode constatar através da análise dos planos de aula anteriormente efectuada, a diversidade de materiais também é importante nos factores motivação e sucesso dos alunos. Privilegio a utilização de materiais diversos fazendo uso de materiais autênticos (rádio, televisão, jornais, entre outros), recursos da Internet (vídeos ou músicas), manual e outros manuais ou livros de apoio. É importante diversificar para que os alunos não caiam na monotonia e no desinteresse e também é importante utilizar os materiais multimédia de uma forma sensata. Se forem excessivamente utilizados tornam-se desmotivantes e deixam de ser um factor de motivação. Por vezes, quando a exposição do manual sobre determinado conteúdo (lexical ou gramatical) não é suficientemente clara, recorro à consulta de gramáticas de referência tais como *Espanõl 2000* ou *Gramática Básica del Estudiante de Español* ou a manuais de editoras tais como SGEL, Edinumen ou Difusión. É importante pesquisar e fornecer aos alunos os materiais mais completos e mais esclarecedores.

1. Formas de trabalho operado, incluindo os momentos de trabalho com toda a turma, em pares, em pequenos grupos e em actividades individuais.

A escolha das formas de trabalho a utilizar com os alunos depende de vários factores. Um deles tem a ver com o tipo de turma. Se for uma turma grande que faz algum ruído entre eles, não é aconselhável fazer trabalho de grupo. Um aglomerado de 4/5 alunos vai originar focos de conversa e de distracção que não resultarão em produção de trabalho efectivo. Outro dos factores tem a ver com o(s) conteúdo(s) a leccionar. Por último, tem também a ver com o tipo de avaliação que se pretende fazer. Privilegiando o trabalho de grupo, em pares e individualmente, tento adequar essa escolha àquilo que pretendo para aquela aula. Se for um trabalho em que pretendo que os alunos dêem a sua opinião pessoal, será melhor o trabalho individual. Se pretender troca e partilha de experiências e opiniões, possivelmente adoptarei o trabalho a pares. Se o objectivo é também desenvolver a cooperação e a entreajuda, o trabalho de grupo será o eleito. O que interessa na escolha das formas de trabalho, tal como na planificação e na escolha das metodologias, é eleger a forma de trabalho que melhor se adequa à turma, ao trabalho a desenvolver, aos objectivos a atingir e ao tipo de avaliação que se pretende.

1. Previsão da gestão do tempo efectivada.

Relativamente às planificações anuais, por norma, a planificação do trabalho relativo ao 9º ano cumpre-se dentro dos moldes da planificação trimestral, ou seja, as planificações são cumpridas e os conteúdos previstos são dados dentro do previsto.

No que diz respeito à planificação anual de 7º ano, como anteriormente foi referido, devido ao facto de abranger muitos conteúdos, muitos deles, apesar de constarem na planificação, só serão desenvolvidos no 8º ano. Aqui, há que fazer uma gestão efectiva do tempo e há que dar prioridade ao que se pretende que os alunos adquiram como competências basilares no seu processo de aprofundamento de conhecimentos na língua espanhola e na sua evolução ao nível das aprendizagens. Esta questão obriga, evidentemente à reformulação das planificações trimestrais e à adaptação de conteúdos previstos para o 7º ano na planificação de 8º ano. Apenas em turmas reduzidas, como foi o caso no ano lectivo anterior, do 7º F, em que, devido a esse facto, consegui cumprir a planificação anual tal como ela foi concebida no início do ano lectivo. Em turmas de maior dimensão, por haver mais dispersão e desconcentração, existem interrupções constantes que levam a perdas de tempo. Também a dinâmica de trabalho da turma, onde existem, por vezes, alunos pouco autónomos, é um factor relevante nesta questão.

1. *Condução das aulas*
2. Ambiente de trabalho criado na sala de aula
3. Regras de funcionamento e de rotinas de trabalho conseguida

d) Relação/Comunicação Pedagógica estabelecida

A primeira aula e seguintes são fundamentais no estabelecimento de regras e normas de conduta para um bom funcionamento das aulas, para a construção de um bom ambiente de trabalho e para uma boa relação professor - aluno e ainda para a motivação dos alunos para a disciplina.

Para mim, a primeira aula revela-se fundamental. É nesta aula que eu apresento as regras que penso serem importantes não só para o bom funcionamento da minha aula, mas também porque penso que contribuem para o desenvolvimento de competências ao nível afectivo - social. Explico de forma clara e simples regras ao nível da entrada e saída da sala de aula, materiais a utilizar, postura e linguagem adequadas à sala de aula, entre outras. É importante delimitar a linha de acção dos alunos para que, ao longo do ano se estabeleça uma relação baseada no respeito mútuo, mas também na confiança e na cooperação. Com a continuação das aulas, vou conhecendo, progressivamente os alunos e vice – versa e, à medida que os conheço, vou adaptando as regras, mais ou menos permissivas, de acordo com o perfil da turma. Desde que lecciono que adopta esta estratégia quando começo a trabalhar com turmas novas. Constato que resulta, pois não coloco logo os alunos totalmente à vontade e sem limites. É importante que percebam que o professor deve ser ouvido e respeitado e que é um elemento da sala de aula que está ali para ajudar e encaminhar no processo de aprendizagem dos alunos. Desta forma, criam-se regras e hábitos de trabalho que os alunos assumem desde o primeiro dia e que facilitam o início de uma aula ou impedem, por vezes, a interrupção constante das aulas. Verifico que consigo estabelecer uma boa relação com os meus alunos que muitas vezes até me procuram para pedir ajuda em alguma dúvida de Língua Portuguesa (pois também sou professora de Língua Portuguesa) ou até para falarem sobre problemas pessoais. Penso que esta é a demonstração de que chego aos alunos e crio com eles uma boa relação pedagógica de trabalho, de empatia, de entre – ajuda e de cooperação, onde a comunicação pedagógica se estabelece, de forma a atingir os objectivos delineados para os alunos e a conduzi-los nesse caminho.

1. Condições físicas das salas, gestão do espaço e gestão do tempo asseguradas

A escola onde lecciono apresenta boas condições físicas em termos de salas de aula. A maior parte das salas são amplas e têm mobiliário suficiente para que todos os alunos se instalem. A acústica também é boa e todas estão equipadas com um projector e uma tela de projecção. Em algumas salas específicas, existe quadro interactivo. A luz natural também entra em quantidade suficiente, uma vez que as salas têm várias janelas. As paredes são claras, o que também transmite mais tranquilidade aos alunos. O único inconveniente tem a ver com a climatização das salas. Uma vez que não têm sistema de aquecimentos nem de arrefecimento, de inverno, por vezes, torna-se complicado trabalhar, sobretudo no primeiro bloco de aulas da manhã que começa às 8h15m. No verão, a temperatura em determinados dias também se torna insuportável e os alunos não conseguem trabalhar nem se conseguem concentrar. No entanto, de uma forma geral, penso que as condições asseguram minimamente o normal desenvolvimento das actividades lectivas.

e) Desenvolvimento e domínio da língua e da comunicação conseguidos

|  |
| --- |
| ESPANHOL/SUCESSO (%) |
| Anos/Períodos | 1ºperíodo | 2ºperíodo | 3ºperíodo |
| 7º | 88 | 81 | 90 |
| 8º | 91 | 93 | 98 |
| 9º | 89 | 91 | 94 |

Fonte: Departamento de Línguas da Escola Básica Conde de Vilalva

Ao consultar a tabela acima que diz respeito à análise do sucesso/insucesso da disciplina de Espanhol no ano lectivo 2009/2010, sendo que o valor fixado pelo Agrupamento foi de 80%, verifica-se em todos os anos, um valor acima desses 80%. Isto significa que em todos os anos se verificou um bom desenvolvimento e domínio das competências a atingir na língua espanhola. Os bons resultados devem-se ao facto de se ter estabelecido uma boa relação e uma boa comunicação pedagógica que conduziu à motivação dos alunos para o estudo desta disciplina. Desta forma, desenvolveram o domínio da competência comunicativa e, na sua grande maioria, atingiram as competências delineadas para a disciplina.

1. Tipo de participação conseguida dos alunos na realização das tarefas propostas
2. Tipo de integração das participações/contribuições dos alunos atingida.

Por norma, os alunos gostam de participar e de se envolver nas tarefas propostas em sala de aula. Como estão motivados para o estudo de uma língua próxima do Português e como procuro dinamizar actividades práticas sempre que o conteúdo assim o permite, não é difícil envolver os alunos em dramatizações ou “juegos de papeles”. No 9º ano, por exemplo, quando lecciono a unidade relacionada com as profissões e o mundo do trabalho, proponho aos alunos como actividade para a avaliação da expressão oral, uma dramatização de uma entrevista de emprego, em que um aluno é o entrevistador e o outro é o entrevistado. Por ser uma actividade muito próxima da realidade, os alunos aderem, empenham-se e apresentam trabalhos de qualidade, demonstrando o seu interesse e a sua motivação. Considero, por isso, que a participação dos alunos é muito positiva e contribui para a aprendizagem e para a aquisição das competências por parte dos mesmos.

Por vezes, quando os alunos apresentam um trabalho elaborado e com muita qualidade, proponho a apresentação do mesmo no espectáculo de final de ano, como forma de apresentar à comunidade educativa o trabalho que se desenvolve nas aulas de Espanhol. Foi o caso de um trabalho apresentado no primeiro período pela turma A do 9º ano a propósito da unidade temática relacionada com conteúdos culturais e civilizacionais de Espanha. Os alunos dramatizaram uma entrega de Óscares com várias personalidades hispanas (Pedro Almodovar, Penélope Cruz, Mónica Cruz e Alejandro Sanz). Para além de apresentarem um diálogo bem trabalhado em termos de língua espanhola, foram criativos e associaram multimédia. No entanto, o trabalho não foi apresentado à comunidade escolar, pois devido ao facto de serem alunos de 9º ano, o tempo disponível foi dedicado à preparação dos Exames Nacionais. No entanto, sempre que assisto a bons trabalhos, gosto de os partilhar com toda a comunidade escolar, também como forma de motivar futuros estudantes na escola da aprendizagem deste idioma.

1. Reformulações ocorridas, em aula, do plano previsto.

Ao nível dos planos diários de aula, estes são sempre elaborados e planificados tendo como ponto de partida a aula anterior por uma questão de articulação e, acima de tudo, tendo como referência a turma e os alunos com as suas características específicas. Tendo em conta os objectivos a atingir, o plano de aula é estabelecido de forma a levar os alunos a atingi-lo. No caso de, por alguma eventualidade, o plano não ser cumprido, a aula seguinte será planificada ou reformulada tendo como base o que não foi leccionado na aula anterior. No caso de verificar que a estratégia ou o material utilizado não está a resultar durante a aula, adapto de forma a conduzir a aula no sentido que pretendo seguir para atingir os objectivos delineados. Essa adaptação pode ser saltar alguns passos que tinha planificado, não fornecer determinado tipo de ficha aos alunos ou optar por não utilizar materiais tais como vídeos ou alguma música. Por vezes, é necessário fazer estas reformulações durante a aula, pois a planificação foi pensada para um determinado tempo e, por algum motivo, por exemplo, se os alunos precisam de mais tempo para assimilar o conteúdo, tenho de adaptar, pois já não tenho o mesmo tempo disponível com o qual contava no início da aula.

1. *Avaliação das aprendizagens dos alunos*
2. Estratégias, instrumentos de avaliação e meios de registo do progresso dos alunos utilizados.

A avaliação dos alunos é contínua e não se centra apenas nos momentos de avaliação sumativa, vulgarmente chamados de testes de avaliação. Numa língua estrangeira, são várias as competências a avaliar e, em momentos planificados para o efeito, efectuam-se avaliações ao nível da leitura, ao nível da escrita, ao nível da oralidade e são feitos registos ao longo da aula e de trabalhos de grupo apresentados pelos alunos. Todos estes momentos de avaliação são acompanhados de uma ficha de registo de informação. É importante que o professor recolha e registe o máximo de informação possível sobre cada aluno para que a avaliação possa ser o mais objectiva e clara possível. Essas fichas de registo (anexo 12 – leitura; anexo 13 – escrita; anexo 14 – aula; anexo 15 – trabalho de grupo; anexo 16 – oralidade e anexo 17 – TPC) devem conter os parâmetros adequados a cada competência e devem ser claras e objectivas, proporcionando ao professor uma recolha rápida mas objectiva da informação sobre os alunos.

Opto por ter uma grelha para cada uma das competências que pretendo avaliar, bem como para outros tópicos em que penso ser importante recolher informação, muitas vezes decisiva na atribuição da avaliação final. Estas grelhas também permitem analisar a progressão dos alunos. A análise e o cruzamento da informação permite perceber se os alunos estão a progredir ou, se por outro lado, é necessário reforçar algum conteúdo ou desenvolver algum trabalho específico para superar as dificuldades.

Para fazer o registo dos momentos de avaliação sumativa utilizo uma grelha (anexo 18) que contém os critérios de avaliação e as cotações a eles atribuídas e definidas em Departamento Curricular.

1. Tipo de participação dos alunos na avaliação do seu desenvolvimento

Uma das preocupações do professor deve ser desenvolver o espírito crítico dos alunos para que mais tarde se tornem cidadãos activos, opinativos, informados e participativos. Assim, desde logo, a avaliação é feita envolvendo também os alunos. Por norma, quando solicito apresentação oral de trabalhos, para além da minha avaliação, os alunos têm também a grelha (anexo 19) onde vão registando a sua avaliação relativamente ao trabalho dos colegas. Esta situação não pretende despoletar avaliações negativas ou depreciativas. Pelo contrário, aquilo que se pretende é que os alunos desenvolvam o seu espírito crítico e a troca de ideias, promovendo o diálogo. É importante que os alunos troquem impressões e ideias, pois só desta troca nascem novas ideias e só a partir daqui os alunos crescerão e tornar-se-ão mais autónomos e produtivos.

É, portanto, fundamental envolver os alunos no processo de avaliação como uma parte do seu processo de aprendizagem, no qual eles se sentem incluídos e integrados.

**C – Análise da prática de ensino**

1. Avaliação das aulas em termos de tarefas propostas e da actividade desenvolvida, da interacção e do discurso, dos resultados na aprendizagem dos alunos ao nível dos conhecimentos, capacidades, atitudes e concepções.

De uma forma geral, avalio positivamente as minhas aulas. Penso que, na maior parte das aulas adoptei as estratégias mais adequadas às necessidades que os alunos revelaram e que as tarefas que propus aos alunos foram de encontro aos seus interesses e também às suas expectativas. Apesar de já leccionar e de já ter construído muitos materiais, sinto que todos os anos, com as diferentes turmas com quem vou trabalhando, a necessidade de adaptar, de renovar e até de construir novos materiais que se adaptem da melhor forma ao público – alvo. Creio que posso fazer sempre um pouco melhor e, nesse sentido, renovo constantemente as minhas estratégias e os meus materiais.

Parece-me que a interacção e a comunicação pedagógica estabelecida com os alunos também foram positivas, o que se reflecte em termos de resultados de aprendizagem. Nos dois anos que leccionei, 7º e 9º ano, os resultados foram francamente positivos em termos de sucesso, nunca abaixo dos 80% fixados pelo Agrupamento.

1. Avaliação da prática lectiva realizada, tendo em conta as necessidades e as alternativas que visaram a consolidação e a melhoria do trabalho.

Sempre que verifiquei que a estratégia ou o material utilizado não era a melhor escolha para a turma em questão, reflecti sobre o assunto e reformulei o meu plano de trabalho, que se reflectiu na reorganização do plano de aula e na adopção de estratégias que se demonstrassem mais motivadoras e produtivas para os alunos. Como tal, considero que algumas experiências menos bem sucedidas também foram positivas, pois permitiram que eu fizesse uma reflexão, uma pesquisa e encontrasse alternativas que permitissem alcançar os objectivos estabelecidos. De qualquer modo, considero que ainda não aprendi tudo. A profissão docente é um processo de aprendizagem constante, onde o professor tem que ter a preocupação de se actualizar constantemente a nível pedagógico, didáctico e científico, de forma a desempenhar a sua tarefa da melhor forma possível. A sala de aula é o melhor local de aprendizagem e de evolução para um professor, pois a relação pedagógica com os seus alunos permite uma evolução diária. É do contacto com os alunos e as experiências que daí resultam que fazem com que o professor reflicta, reformule e transforme as suas experiências em conhecimento, o que permite o seu crescimento com profissional.

**D – Participação na escola**

1. Modo de abordagem do agrupamento de escolas/escola como instituição com a função que tem na comunidade.

O Agrupamento de Escolas nº 4 de Évora, onde leccionei no passado ano lectivo de 2009/2010 insere-se numa filosofia de adaptação às necessidades e especificidades dos alunos, cujo principal objectivo é formar cidadãos críticos e informados. É um Agrupamento que procura estabelecer uma relação de proximidade com a comunidade, em especial com os Pais e Encarregados de Educação, no sentido de consertar estratégias que levem ao sucesso dos alunos. Este Agrupamento procura dinamizar actividades que envolvam parceiros locais e pretende contribuir para o aumento das qualificações a nível regional e nacional.

Neste sentido, a minha integração no Agrupamento foi relativamente fácil, uma vez que me identifico com todos estes princípios enquanto cidadã e professora. Creio que é fundamental formar alunos letrados e literados, que saibam ler, mas que também saibam interpretar e ter opinião sobre o que lêem.

1. Modo de encarar o papel e a importância dos diferentes órgãos do agrupamento de escolas/escola

O Agrupamento funciona como um todo, como se fosse uma empresa, com vários sectores, fundamentais no funcionamento e no sucesso dessa empresa. Parece-me que não deverá existir distinção entre os diferentes órgãos, pois todos eles, em articulação, se revelam fundamentais para a optimização do serviço prestado. No caso deste Agrupamento parece-me que o sucesso do trabalho resulta de uma boa gestão a nível de Direcção, com um grupo muito activo e muito preocupado com as pessoas, mais do que com os números porque, detrás dos números, estão pessoas. Se essas pessoas, quer sejam professores, funcionários ou alunos, forem tratados como pessoas, o sistema funciona e os resultados (os números) aparecem e são positivos. É a Direcção que gere e coloca toda a máquina em funcionamento, mas as hierarquias (Departamentos e Grupos) são a forma de se resolverem pequenas dúvidas e de se trabalhar em conjunto no sentido de agilizar as coisas com vista ao sucesso dos alunos.

1. Responsabilidades assumidas e iniciativas tomadas nos diferentes órgãos do Agrupamento/escola.

Foi-me atribuído um cargo, o de Directora de Turma que considero dos cargos mais importantes e necessários a uma boa relação entre a escola e a família. Este foi o primeiro ano em que me foi atribuído este cargo e a experiência revelou-se muito positiva, pois estabeleci uma boa relação com os alunos e consegui estabelecer uma “ponte” entre a família e a escola. Considero que foi uma experiência que contribuiu muito para o meu crescimento profissional e também pessoal. Para além disso, integrei também o Departamento de Línguas e o Grupo Disciplinar de Espanhol, onde participei sempre de forma activa, no sentido de dinamizar o meu grupo disciplinar.

1. Colaboração na preparação e realização de actividades extra-lectivas como dinamizadoras da vida do agrupamento de escolas/escola e do desenvolvimentos dos alunos na aprendizagem.

Creio que é fundamental a participação das diferentes disciplinas na vida “extra – lectiva”da escola. No caso do Espanhol, tento dinamizar actividades que vão de encontro aos gostos e interesses dos alunos e que estejam em sintonia com os objectivos da disciplina. Parece-me que é uma forma de dinamizar a disciplina que lecciono e também de dinamização da vida do Agrupamento. Assim, no período do Natal, trouxe até à escola doces tradicionais de Natal de Espanha. Esta actividade revelou-se um sucesso, pois foi uma maneira de colocar toda a comunidade escolar em contacto com a realidade cultural espanhola. Também participei no Intercâmbio Transfronteiriço que se revelou igualmente um sucesso a nível cultural e linguístico. Por último, também organizei uma viagem a Sevilha, onde os alunos também tiveram a oportunidade de contactar *“in loco”* com a cultura, língua e gastronomia espanhola.

**E – Desenvolvimento profissional**

1. Responsabilidades assumidas como professor, profissional autónomo e empenhado.

No passado ano lectivo assumi responsabilidades como professora de Espanhol e como Directora de Turma. Parece-me que cumpri com as minhas obrigações nos dois cargos, onde consegui, de uma forma autónoma, realizar todas a tarefas previstas nas respectivas funções. Foi sempre minha preocupação ter todos os documentos e todas as tarefas da Direcção de Turma em dia, bem como manter a minha actividade docente actualizada e bem planificada. Foi igualmente minha preocupação planificar e realizar actividades extra – lectivas que envolvessem os alunos, no sentido de os motivar e também de colaborar de acordo com as metas estabelecidas no projecto Educativo estabelecido pelo estabelecimento de ensino.

1. Iniciativas tomadas com vista à actualização do seu conhecimento profissional.

Procuro manter-me actualizada na minha área científica e também didáctica, pelo que pesquiso constantemente no sentido de encontrar acções de formação interessantes que possam contribuir para a melhoria da minha prática docente. Por outro lado, também sou contactada por diversas entidades que divulgam as suas acções de formação. Depois de analisar a oferta, decido fazer aquelas acções de formação que mais contribuem para o meu crescimento e conhecimento profissional. Assim, no passado ano lectivo realizei as seguintes acções de formação:

- *O Ensino da Gramática* – organizado pela Porto Editora em Fevereiro de 2010;

- *Do Diálogo à Canção: desenvolver e analisar a compreensão oral em ELE* – organizado pela Porto Editora em Março de 2010;

 - *Novos Projectos, Novos Desafios – Espanhol 5º e 11º ano* – organizado pela Porto Editora em Abril de 2010;

- Curso de Actualización en la Enseñanza de E/LE – organizado pelo Instituto Cervantes em Março e Abril de 2010 com a avaliação de 9,2 (Excelente) – 1 crédito;

- *El análisis del componente sociocultural en la clase de E/LE* organizado pela Leirilivro em Maio de 2010.

c) Trabalho em grupo levado a efeito para discussão, com outros professores sobre questões profissionais, para procurar e aceitar ajuda e cooperação.

Ao longo do ano, e porque o trabalho em grupo é fundamental para a concertação de estratégias com vista aos bons resultados, reuni sempre que convocada com os colegas do Departamento de Línguas. Nestas reuniões sempre foram abordados assuntos relacionados com questões e dúvidas que surgiam aos diferentes elementos no sentido de, através da entreajuda e da cooperação, encontramos as melhores estratégias para resolver os problemas que surgiam. O trabalho com o Grupo de Espanhol ainda se revelou mais frutífero, uma vez que, ao trabalhar com uma colega da mesma área científica, se tornou um trabalho mais produtivo. Ao falarmos da mesma área, foi sempre mais fácil colaborar e encontrar estratégias em conjunto.

Considero que este trabalho em grupo deve ser um método privilegiado não devendo o professor isolar-se e trabalhar sozinho. A partilha de experiências e também de materiais é uma experiência enriquecedora que levará a bons resultados.

1. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada efectivada, tendo em linha de conta os problemas encontrados e a sua respectiva resolução.

Penso que tudo o que relatei ao longo deste texto elucida a experiência fracamente positiva e construtiva para a minha actividade docente. Foi um ano em que me deparei com acontecimentos muito positivos e que contribuíram para o meu crescimento profissional. Exemplo disso foi o facto de ter assumido um cargo de Direcção de Turma pela primeira vez ou a organização e participação no Intercâmbio Transfronteiriço. Foram duas experiências que, apesar de terem sido vividas pela primeira vez, correram muito bem e me levaram a conhecer todo o trabalho de um cargo que nunca tinha assumido e todas as fases da organização e coordenação de uma actividade complexa como é um intercâmbio. No ano lectivo de 2010/2011, assumo novamente o cargo de Directora de Turma, agora com alguma experiência, mas sempre com a perspectiva de aprender mais, pois a experiência traz conhecimento. No caso do Intercâmbio, estou a começar a organizar um outro evento do mesmo tipo, mas noutros moldes. São duas experiências que destaco pela positiva no todo da experiência global que foi muito gratificante e construtiva a nível profissional. Mesmo as aulas que não decorreram ou não tiveram o resultado esperado foram positivas pois, através delas, constatei determinados factos que, pela experiência, tentarei corrigir no futuro.

**CONCLUSÃO**

Este trabalho permitiu uma reflexão mais aprofundada em primeiro lugar sobre os documentos orientadores que devem ser sempre tidos em conta pelo professor na sua prática docente. Depois da reflexão sobre a importância destes documentos, a segunda parte relativa à reflexão sobre a planificação e condução de aulas e avaliação e aprendizagens revelou-se a parte mais produtiva e mais importante. O professor, ao reflectir sobre o seu trabalho, sobre as suas escolhas e sobre as suas metodologias, torna-se mais crítico, o que faz com que o seu trabalho melhore e evolua sempre no sentido de conseguir motivar os seus alunos e de conseguir que os mesmos obtenham bons resultados. Por isso, este relatório se revela se suma importância. Sendo apenas um registo, é uma ferramenta de trabalho onde a reflexão sobre as boas e as más experiências coloca sempre a ênfase nos aspectos positivos e nas aprendizagens que o professor pode retirar destas experiências.

É este o professor que a escola actual procura. Um professor dinâmico, autónomo e reflexivo que trabalha sempre no sentido de melhorar as suas práticas pedagógicas, no sentido de conseguir sempre uma melhor relação e comunicação pedagógica com os seus alunos, conduzindo-os às suas aprendizagens.

**BIBLIOGRAFIA**

Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais*. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.

*Programa de Espanhol – Programa e Organização Curricular Ensino Básico – 3º Ciclo*. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.

Mira, A. R., e Mira, M. I. (2002) *Programação dos ensinos de línguas estrangeiras: Metodologias de Ensino - Aprendizagem de Línguas Estrangeiras – Perspectiva Diacrónica*. Évora. Publicações “Universidade de Évora.

Patrício, M.(1983) *Teoria da Educação*. Universidade de Évora.

**ANEXOS**